



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A magia dos afetos entre avós e netos

Estudo das relações entre avós-netos e a sua influência na perceção das pessoas idosas em
adolescentes

Teresa Joana Coelho dos Reis

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Professora Doutora Sibila Marques, Investigadora de Pós-Doutoramento
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2015

“A persistência é o caminho para o êxito.”

Charles Chaplin

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Dr.^a Sibila Marques, minha orientadora, pela simpatia, disponibilidade, e por vezes paciência com que me acolheu mas, principalmente, pela orientação e conhecimento transmitido.

Estou também grato aos meus pais, pelos valores éticos com que me educaram. Em particular há minha mãe, pelo amor sem reservas, energia positiva transmitida e por acreditar em mim e no meu potencial.

Ao meu irmão pelo apoio e incentivo.

Ao Fabiano, pelo indispensável afeto, força, incentivo e confiança demonstrada.

A alguns dos meus colegas, pelas preciosas sugestões que me deram.

A todos o meu profundo agradecimento.

Resumo

O presente estudo investigou de que modo os aspetos comunicativos e relacionais da relação avós-netos influenciam o idadismo em relação às pessoas mais velhas. Em particular, hipotetiza-se que uma melhor relação de comunicação com os avós, maior saliência da idade dos avós em contexto comunicacional e maior identidade familiar tem uma relação de forma positiva com menores níveis de idadismo dos jovens em relação às pessoas mais velhas. 145 pré-adolescentes, nas faixas etárias dos 11 aos 13 anos ($M=12.14$), preencheram questionários onde foi avaliada a relação e a comunicação com os avós, a saliência da idade dos avós na comunicação, a identidade familiar e medidas de estereótipos e emoções em relação às pessoas idosas. Os resultados permitiram verificar que aqueles jovens que foram educados com os avós percebem as pessoas idosas como sendo mais competentes. Não se verificaram outras ligações significativas das variáveis em estudo com o idadismo em relação às pessoas mais velhas. Os resultados obtidos são discutidos à luz da literatura sobre a relação entre avós e netos e sobre idadismo de um modo geral.

Palavras-chave: Relação Avós-Netos; Idadismo; Identidade Familiar; Saliência da Idade.

2860 Gerontology

3040 Social Perception & Cognition

3550 Academic Learning & Achievement

Abstract

This study aimed to study the relationship between grandchild-grandparents relation and communication styles affect ageism regarding older persons. Specifically, we hypothesize that a more positive relationship with the grandparents, higher age salience of the grandparents in a communication context and higher family identity is positively correlated with lower levels of ageism of the youngsters regarding older people. 145 pre-adolescents, age ranges from 11 to 13 years (*Mage=12.14*) were asked to fill a questionnaire measuring the relationship with the grandparents, age salience, family identity and the stereotypes and emotions associated with older people. Results showed that those youngsters that were educated by their grandparents while they were growing old, revealed lower levels of ageism against older people. No other significant effects were found. These results are discussed in the light of the grandchild-grandparent and ageism literature.

Keywords: Grandparents-Grandchildren Relationship; Ageism; Family Identity; Age Salience.

2860 Gerontology

3040 Social Perception & Cognition

3550 Academic Learning & Achievemen

ÍNDICE GERAL

I. INTRODUÇÃO	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
2.1. Envelhecer em Portugal	3
2.2. Velhos? O limiar da discriminação e do preconceito	5
2.3. A relação com os avós e a sua relação com o idadismo	7
2.4. Objetivo e Hipóteses	13
III. MÉTODO	14
3.1. Participantes	14
3.2. Instrumentos.....	16
3.2.1. Questões sócio demográficas	16
3.2.2. Visão dos avós.....	16
3.2.3. Identidade Familiar	16
3.2.4. Auto-Revelação.....	17
3.2.5. Saliência da Idade.....	18
3.2.6. Satisfação com o Relacionamento.....	18
3.2.7. Estereótipo de Envelhecimento	19
3.2.8. Emoções em Relação às Pessoas Idosas	19
3.3. Procedimentos.....	19
IV. RESULTADOS	21
4.1. Visão dos avós	21
4.2. Relação com os avós.....	21
4.3. Identidade Familiar	22
4.4. Auto-Revelação	22
4.5. Saliência da Idade	22
4.6. Satisfação com o Relacionamento	22
4.7. Estereótipo de Envelhecimento	23
4.8. Emoções em Relação às Pessoas Idosas	27
4.9. Correlação entre variáveis.....	30
V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	32
5.1. Limitações do presente estudo	34
5.2. Sugestões para estudos futuros	34

VI. BIBLIOGRAFIA	36
VII. ANEXOS	39
Anexo A.....	39
Questionário aplicado aos Participantes.....	39
Anexo B	51
Questionário aplicado no estudo de Harwood e Soliz (2006).....	51
Anexo C	56
Consentimento Informado dirigido à Direção da Escola	56
Anexo D.....	57
Consentimento Informado dirigido aos Encarregados de Educação.....	57

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 – Caraterísticas sócio demográficas dos participantes</i>	15
<i>Tabela 2 - Matriz de correlações entre variáveis.....</i>	30
<i>Tabela 3 - Média e Desvio Padrão da relação com os avós na compreensão do idadismo</i>	32

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1</i> – Efeito da percepção dos jovens acerca da relação que estabelecem com os seus avós.....	22
<i>Figura 2</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação à confiança das pessoas idosas na variável Estereótipo.....	23
<i>Figura 3</i> – Efeito da percepção dos jovens em relação à capacidade das pessoas idosas na variável Estereótipo.....	24
<i>Figura 4</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação à habilidade das pessoas idosas na variável Estereótipo.....	24
<i>Figura 5</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação à amizade das pessoas idosas na variável Estereótipo.....	25
<i>Figura 6</i> - Efeito da percepção dos jovens em considerar que as pessoas idosas são de confiança na variável Estereótipo.....	26
<i>Figura 7</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação à sinceridade das pessoas idosas na variável Estereótipo.....	26
<i>Figura 8</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de inveja pelas pessoas idosas na variável Emoções.....	27
<i>Figura 9</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação à admiração pelas pessoas idosas na variável Emoções.....	28
<i>Figura 10</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de pena pelas pessoas idosas na variável Emoções.....	29
<i>Figura 11</i> - Efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de desprezo pelas pessoas idosas na variável Emoções.....	29

I. INTRODUÇÃO

O estudo dos processos de envelhecimento ganha, neste início do século XXI, um relevo e prioridade indiscutível.

No contexto nacional assistiu-se durante largos anos à negligência do estudo do envelhecimento, em favor de outras fases da vida (infância, adolescência ...), tradicionalmente consideradas como “mais ricas” sob o ponto de vista psicológico e desenvolvimental (Fonseca, 2006). Residindo nesta lacuna um dos motivos que sustentam a originalidade deste estudo.

De facto, se pensarmos na pertinência que os temas relativos à idade adulta, velhice e envelhecimento tem vindo a adquirir nos últimos anos, em grande medida devido à evolução sócio-demográfica, revela-se urgente estudar e conhecer mais acerca do período correspondente à segunda metade da vida humana.

Portugal apresenta mutações demográficas de ampla escala e com importantes repercussões sociais, económicas e culturais. A evolução demográfica em Portugal, no passado recente, caracterizou-se por um gradual aumento do peso dos grupos etários séniores e uma redução do peso da população jovem. Segundo a fonte do INE (2002), a população residente em Portugal tenderá a diminuir até 2060, em qualquer dos cenários de projeção. A população diminui de 10,5 milhões de pessoas, em 2012, para 8,6 milhões de pessoas, em 2060. Para além do declínio populacional esperam-se alterações da estrutura etária da população, resultando num continuado e forte envelhecimento demográfico. Assim, entre 2012 e 2060, o índice de envelhecimento aumenta de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens. Nesse mesmo período, o índice de sustentabilidade potencial passa de 340 para 149 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos.

O estudo europeu “*A prestação de cuidados pelos avós na Europa*” (2013), realizou uma análise comparativa sobre as políticas familiares e a sua influência no papel dos avós enquanto prestadores de cuidados infantis em vários países Europeus. Portugal é considerado um dos países em que os avós cuidam mais dos netos e o país com o maior número de mães com filhos até aos seis anos a trabalhar a tempo inteiro. Segundo o estudo, mais de 40% dos avós dos países europeus analisados prestam cuidados aos netos sem a presença dos pais, sendo que os países do sul da Europa, Portugal, Espanha, Itália e Roménia, são os que apresentam uma maior percentagem de avós a cuidar dos netos a tempo inteiro, cerca de 63%. A justificação para a maior dependência dos cuidados intensivos prestados pelos avós é atribuída à pouca oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças a preços acessíveis.

Portugal por sua vez tem assistido a um aumento de agregados familiares de avós com três gerações (Albuquerque, 2011), ao contrário, da Inglaterra e o País de Gales, que assistiram a um aumento de agregados familiares sem continuidade geracional, com 0,25% dos adultos com mais de 35 anos a integrar este perfil (Nandy & Selwyn, 2011).

Apesar da sua importância, não existem muitos estudos que investiguem de que forma a relação entre avós e netos, pode contribuir para o conceito positivo de velhice. O presente estudo pretende assim ser um contributo para o estudo desta matéria. Seguindo a investigação de Harwood e Soliz (2006), objetiva-se, com este estudo, compreender a relação entre avós e netos de uma perspectiva intergrupar, de forma a entender melhor a relação entre a comunicação na díade familiar e a perceção dos jovens, e ainda procurar compreender questões como a comunicação, a relação e identidade especificamente relacionadas com a dinâmica do contexto familiar intergeracional. Pretende-se assim, medir a identificação familiar com o grupo etário, a saliência da idade, a auto-revelação, a satisfação com o relacionamento estabelecido com os avós influencia a atitude das gerações mais jovens face ao idadismo sentido em relação às pessoas idosas. É de salientar que o presente estudo é uma adaptação para a versão portuguesa da investigação levada a cabo em estudantes universitários por Harwood e Soliz (2006), onde se pretende replicar os resultados em uma amostra de pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos.

Depois deste breve esclarecimento introdutório acerca da presente investigação, seguir-se-á o enquadramento teórico, onde se fará referência às investigações já existentes sobre a problemática. No primeiro capítulo será fornecida uma visão geral da perspectiva intergrupar sobre a relação dos jovens com os seus avós e a sua relação com o idadismo que vai conduzir à discussão do referencial teórico, à literatura e à pesquisa que será apresentada nos capítulos subsequentes. O capítulo seguinte irá fornecer uma explicação mais detalhada sobre o fundamento teórico para a investigação das dimensões: identidade familiar, saliência da idade, auto-revelação e satisfação com o relacionamento e a relação destas variáveis com o idadismo sentido em relação aos mais velhos. Posteriormente, será reportada a metodologia utilizada, bem como os resultados a que esta nos conduziu. No último capítulo serão discutidas as conclusões do estudo e as implicações para futuras pesquisas relacionadas com a dinâmica familiar, a relação avós-netos e a comunicação intergeracional. Serão ainda tecidas algumas recomendações relativamente a esta temática no contexto da sociedade portuguesa.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. *Envelhecer em Portugal*

Nos censos populacionais (INE, 2002), os idosos constituem 16,4% da população geral (1 702 120 pessoas). A maioria dos idosos é do sexo feminino (59%). A esperança de vida é de 79,4 anos para as mulheres e 72,4 anos para os homens. A taxa de iliteracia entre idosos, ainda que em plano descendente dada a renovação geracional, continua a ser muito elevada (55,1%), sendo ainda mais expressiva nas mulheres (64,7%) do que nos homens (41,3%). A percentagem de famílias com pelo menos um idoso é 32,5% e dentro destas, 50,5% consistem em idosos a viverem sozinhos e 48,1% corresponde a casais idosos, sendo a coabitação reduzida, ou seja, o número de famílias de idosos está a aumentar e as famílias multigeracionais a diminuir. Um terço do total de idosos pode ser considerado pobre, em função de critérios como: o tipo de casa, equipamento e rendimento, sendo isto particularmente verdade em relação aos que vivem sós. Os estudos efetuados pelo INE em 2000, mostraram que os idosos portugueses são muito desfavorecidos, mas a sua condição psicossocial continua pouco conhecida.

Um dos indicadores de adaptação ao envelhecimento é a qualidade de vida. Os autores Bowling, Banister e Sutton (2002), realizaram uma análise de um rastreio sobre a qualidade de vida da população idosa residente no Reino Unido e chegaram às seguintes conclusões: os idosos valorizam o facto de ter boas relações com a família e os amigos; desempenhar papéis sociais, como por exemplo participar em iniciativas de voluntariado e *hobbies*; ter boa saúde e funcionalidade; viver numa boa casa numa zona simpática e ter boa vizinhança; ter uma visão positiva da vida e manter o controlo e independência.

Ainda neste contexto, a Organização Mundial de Saúde, define qualidade de vida como “a perceção individual da sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais se insere e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL Group, 1994).

Estima-se que em Portugal, a prevalência de perturbações psiquiátricas na população geral ronde os 30%, sendo aproximadamente de 12% a incidência de perturbações psiquiátricas graves. A depressão pode atingir cerca de 20% da população, representando a primeira causa de incapacidade nos países desenvolvidos no âmbito global das doenças psiquiátricas. Em conjunto com a esquizofrenia a depressão é responsável por 60% dos suicídios em Portugal (Ministério da Saúde, 2004). As consequências e implicações da depressão no idoso passa pelo ponto de vista: económico (aumento da população dependente,

aumento das despesas com a saúde e a segurança social); social (alteração das relações familiares e interpessoais, maior necessidade de instituições que prestem cuidados e assistência a idosos); sanitário (aumento do consumo de cuidados primários e diferenciados, aumento da necessidade de pessoal e de instituições especializadas) e ético (problemática do suicídio no idoso) (Paúl, Fonseca e colaboradores, 2005).

Depois de uma breve análise estatística sobre o envelhecimento no contexto português, é importante conhecer o conceito de envelhecimento, visto como o “resultado” da interação dinâmica, que se estabelece e que é patente ao longo de todo o ciclo de vida, entre um indivíduo intencionalmente ativo e uma série de contextos de existência que se encontram em permanente transformação. Tomaremos o envelhecimento como um processo que comporta ganhos e perdas, para cuja adaptação concorrem variáveis intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo (Fonseca, 2005a).

Na segunda metade do século XX assiste-se à expansão de conhecimentos dos fatores psicológicos implicados no envelhecimento. Nos anos 50 e 60, inúmeros autores (Baltes, Birren, Erikson, Havighrust, Neugarten, Schaie, entre outros) realçaram a necessidade de se olhar para o período correspondente à segunda metade da idade adulta e à velhice, sob um ponto de vista dinâmico, relacionado com as alterações físicas, cognitivas, sociais e psicológicas, que se produzem no seu decurso (Wortley & Amatea, 1982:476). Este novo olhar suscitou igualmente, a emergência de estudos sobre variáveis psicossociais com enfoque no processo de envelhecimento (Birren & Schroots, 1996, 2001), induzidos por um fenómeno extraordinariamente importante: o aumento significativo da esperança de vida e o correspondente envelhecimento da população (Birren & Schroots, 2001:20).

Sendo consensual a ideia de que o envelhecimento é um fenómeno biopsicossocial de cariz individual, qualquer abordagem psicológica que a ele se faça terá de ser necessariamente multidisciplinar (Birren, 1995).

De acordo com Schroots e Birren (1980), o processo de envelhecimento apresenta três componentes: componente biológica (senescência) que reflete uma vulnerabilidade crescente e de onde resulta uma maior probabilidade de morrer; componente social, relativa aos papéis sociais apropriados às expectativas da sociedade para este nível etário e a componente psicológica, definida pela capacidade de auto-regulação do indivíduo face ao processo de senescência.

2.2. *Velhos? O limiar da discriminação e do preconceito*

A situação demográfica atual reforça a necessidade de reconhecer a existência de preconceitos idadistas, a necessidade de combater a discriminação por ela induzida, e a promoção da longevidade ativa, em condições de vida favoráveis, produtivas e saudáveis. Mudanças no presente poderão refletir-se no futuro dos que hoje descriminam.

O envelhecimento é um processo comum a todas as espécies e demasiado complexo no ser humano. Além de ser influenciado pelas condições de vida, profundamente individualizadas, é também influenciado por múltiplos aspetos culturais e sociais, que o caracterizam, com frequência, como um fenómeno simples, linear e homogéneo. Socialmente o envelhecimento é considerado um processo de perdas e declínio, há um padrão de estereótipos que são, desde muito cedo, interiorizados pela maioria dos indivíduos. Por definição os estereótipos são o resultado do cruzamento de fatores ligados ao processamento de informação, de fatores motivacionais e de identidade, de fatores ligados à dinâmica social das relações entre os grupos, e de fatores ideológicos (cf. Doise, 1976; Lorenzi-Cioldi & Doise, 1990).

O idadismo são as atitudes negativas em relação às pessoas devido à sua idade (Marques, 2011), considera-se que o idadismo engloba três mecanismos que constituem as atitudes: afeto, comportamento e cognição (Breckler, 1984; Eagly e Chaiken, 1998). As atitudes são representadas da seguinte forma: preconceitos (afetivo), discriminação (comportamental), e os estereótipos (cognitivo) (Nelson, 2002). O preconceito que temos em relação a este grupo etário pode manifestar-se não apenas através de atitudes preconceituosas negativas por exemplo sentimento de desdém, mas também, através de atitudes disfarçadas de paternalismo, pena e piedade. A discriminação abrange comportamentos de maus-tratos e abuso tendo como alvo os indivíduos deste grupo etário. E por último os estereótipos encontram-se na maioria dos casos associados a crenças, existe uma tendência para considerar as pessoas de uma determinada idade como um grupo homogéneo, caracterizado por traços negativos como: a incapacidade e a doença (Marques, 2011a).

Como diria Cavanaugh (citado por Fonseca, 2006) “uma das causas mais graves associadas ao idadismo consiste no facto dele suscitar uma atitude negativa que afeta o comportamento dos mais novos em relação aos mais velhos e que pode fazer, inclusive, com que os próprios idosos olhem para si mesmos de acordo com uma imagem social conforme as expectativas generalizadas, isto é, incompetentes e incapazes” (p.28).E este conceito está, de tal forma enraizado na nossa sociedade que por um lado se teme envelhecer e se tenta não parecer velho (para não se tornar incompetente e incapaz aos olhos dos outros), e por outro se

tratam os idosos como crianças e como apenas dignos de papéis sociais de menor relevo. Talvez o estereótipo mais enraizado acerca da velhice é que esta traduz-se em comportamentos conversadores, inflexíveis e resistentes à mudança.

Atualmente, muito poucas culturas valorizam devidamente a experiência e o saber acumulados dos seus membros mais velhos, o autor Nelson (2002) questiona qual será o futuro das sociedades que, estando a envelhecer sob o ponto de vista demográfico, desvalorizam sistematicamente as capacidades e o potencial de realização que permanecem intactos na maioria dos indivíduos idosos.

É difícil falar da velhice e dos idosos sem de alguma forma lhe associarmos categorias, posto isto, a única forma de evitar este tipo de situações, é olhar para os idosos como uma pessoa, com direitos e obrigações, com alegrias e angústias, com desejos e frustrações, enfim, exatamente como uma criança, um jovem ou um adulto, ou seja, como um ser humano que vive a sua condição existencial à semelhança de qualquer outro. Gordon Allport, autor do volume, “A natureza do preconceito”, sugere que “a mente humana tem de pensar com a ajuda das categorias. Uma vez formadas, são a base para o pré-julgamento normal. Não podemos evitar este processo. Viver organizadamente depende dele” (1954, p.20).

Quando conhecemos alguém pela primeira vez, uma das primeiras características que reparamos é a idade. Conscientemente ou não, a percepção da idade direciona as nossas interações para com os outros. A partir da percepção da idade de uma pessoa, inferimos competências cognitivas e sociais, crenças religiosas e políticas, e capacidades físicas, que vão contribuir para a forma como nos devemos comportar (Fiske, 1998; Kite, Deux e Miele, 1991). Mas, a idade não é o único fator social que define as atitudes para com as outras pessoas. As nossas opiniões são formadas também com base no sexo, raça e religião, entre outras categorias sociais. Ao contrário destas outras categorias, a idade é a única exposta à mudança (Nelson, 2004).

Num outro plano de análise, Birren e Cunningham (1985) consideram ser vantajoso proceder à diferenciação de diferentes categorias de idade: a idade biológica, refere-se ao funcionamento dos sistemas vitais do organismo humano e é especialmente importante para a consideração dos problemas de saúde que afetam os indivíduos, pois é verificável que a capacidade de auto-regulação do funcionamento desses sistemas diminui com o tempo; a idade psicológica refere-se às capacidades de natureza psicológica, o que inclui sentimentos, cognições, motivações, memória, inteligência e outras competências que sustentam o controlo pessoal e a auto-estima, e a idade sociocultural, refere-se ao conjunto específico de papéis sociais que os indivíduos adotam relativamente a outros membros da sociedade e à cultura de

pertença, idade essa que é julgada com base em comportamentos, hábitos, estilos de relacionamento interpessoal, entre outros.

A idade sociocultural revela-se um índice importantíssimo para a compreensão de muitos dos papéis sociais que adotamos, sendo que tomamos decisões (casamos, temos filhos, reformamo-nos) baseadas naquilo que julgamos ser a nossa idade sociocultural, as quais influenciam o autoconceito e outros aspetos da personalidade. Aliás, muitos dos estereótipos que temos acerca da velhice derivam de falsos pressupostos sobre a idade sociocultural, o que leva à utilização de rótulos como por exemplo “uma pessoa de idade” (Birren & Cunningham, 1985).

Esta categoria tem tendência a influenciar a comunicação entre gerações, contribuindo para o aparecimento de atitudes idadistas, associadas às pessoas mais velhas (Hummert e Shaner, 1994), o que por sua vez tem consequências negativas para a saúde psicológica e física dos idosos (Ryan et al., 1986).

Depois deste breve enquadramento, é importante cingir a análise da problemática ao contexto português. O idadismo é um problema que se encontra muito presente na nossa sociedade, atingindo sobretudo as pessoas mais velhas, 20,8% dos indivíduos, abrangendo as faixas etárias dos 65-79 anos e 31,6% dos indivíduos com mais de 80 anos. Resultados do Eurbarómetro Especial de 2009 relativo à *Discrimination in UE in 2009*, constataram que 53% dos portugueses partilham a opinião de que a discriminação pela idade é muito frequente na nossa sociedade e 57% das pessoas alegam que esta problemática é mais frequente nos dias de hoje em relação há cinco anos atrás. Estes resultados estão de acordo com os verificados no módulo “Idadismo” do *European Social Survey*, de 2009. Nos resultados demonstrados pelo estudo, chegou-se à conclusão que a discriminação em relação à idade é a principal forma de discriminação sentida pelos portugueses (17%), atingindo valores superiores em relação à discriminação pelo sexo (13%) ou etnia (11%) (*cit.*, Marques, 2011a).

2.3. A relação com os avós e a sua relação com o idadismo

Tal como outras formas de preconceito, a discriminação baseada na idade pode ser combatida com o aumento do contato positivo entre as pessoas mais jovens e as mais velhas (Caspi, 1984), olhando para a relação avós-netos, esta envolve dimensões pessoais e intimistas, assim como as intergrupais, que são cruciais na mediação da mudança de atitude (Brown & Hewstone, 2005).

Como podemos constatar no estudo desenvolvido por Harwood, Hewstone, Paolini e Voci (2004) que explica a dissociação entre as atitudes positivas em relação a pessoas idosas

específicas e as atitudes negativas contra idosos em geral, à luz dos processos do intergrupo. Ao explorar os moderadores de contato, descobriram atitudes positivas para com os avós, generalizando os idosos como um todo quando esses avós foram encarados como “idoso”. Os fatores interpessoais funcionaram como potenciais da experiência de contato e contribuíram para experiências afetivas íntimas, especialmente importantes para a mudança de atitude (Pettigrew, 1997).

No estudo de Allport (1954) foram delineados os fatores que influenciam a natureza do contacto que incluem medidas da quantidade de contacto (frequência, número de pessoas envolvidas, etc.) e medidas mais específicas da sua qualidade (aspecto dos estatutos e dos papéis desempenhados do contato, o ambiente social envolvente, entre outras). Como Allport constatou, “o contato deve ser profundo, de modo a ser eficaz na mudança do preconceito” (Allport, 1954/1979, p.276).

Um dos aspetos-chave do contato intergrupar é a natureza da comunicação que ocorre (Fox & Giles, 1993). Segundo pesquisas de Pettigrew (1998) as situações de contacto proporcionam aos participantes a oportunidade de auto-revelação e outros mecanismos possíveis para o desenvolvimento da amizade. Porque os avós são provavelmente os principais contactos dos jovens com pessoas mais velhas (Ng, Liu, Weatherall, & Loong, 1997) e porque a relação familiar facilita o tipo de relações próximas a longo prazo que maximizam os efeitos positivos do contato (Banker & Gaertner, 1998), os investigadores tem procurado estudar o impacto que os relacionamentos avós-netos têm sobre as atitudes em relação aos idosos em geral. Como Ensari e Miller (2002) sugerem, vemos a auto-revelação como uma medida da qualidade do contacto com os avós que se encontra associada a relacionamentos positivos (Dolgin & Minowa, 1997).

Segundo Omarzo (2000) a auto-revelação é definida como o ato de fornecer voluntariamente informações a outra pessoa de cariz íntimo ou pessoal. Assim podemos hipotetizar que a auto-revelação para com os avós resultaria num nível mais baixo de preconceito contra as pessoas idosas em geral. Dada a importância da auto-revelação na proximidade crescente, intimidade e inclusão do outro no “eu”, sugere-se que a auto-revelação está associada não só à redução da ansiedade, mas também com o aumento da empatia para com os membros do exogrupo, sendo este um passo importante para a redução da discriminação (Batson, Polycarpou, Harmon-Jones & Imhoff, 1997). O contacto por sua vez reduz o preconceito, aumentando a variabilidade do exogrupo percebido e das atitudes positivas em direção ao exogrupo (Allport, 1954).

No estudo de Kite e Johnson (1988), foram analisadas as relações entre avós-netos, com particular incidência nos efeitos do contato entre avós-netos em relação ao preconceito para com os idosos. O contato com os avós influencia as atitudes para com os idosos, pessoas que desenvolvem relações entre avós-netos mais positivas tendem a ter atitudes mais positivas para com os idosos (Silverstein & Parrot, 1997; Soliz & Harwood, 2003). Esta associação é moderada pela saliência do grupo, ou seja quando a idade é saliente, o contacto com os avós irá generalizar mais prontamente as atitudes dos netos para com os idosos (Hewstone & Brown, 1986).

A noção de saliência do grupo tem recebido atenção crescente nos estudos sobre relações intergrupais nos últimos anos, em particular na investigação sobre o contato intergrupais. Entende-se por saliência do grupo a consciência de um indivíduo sobre os membros do grupo e as respectivas diferenças do grupo num encontro entre grupos (Rothbart e John, 1985; Hewstone e Brown, 1986).

Revela-se interessante estudar o contexto avós-netos, porque o contacto no endogrupo com relações próximas poderá ser bastante importante na mudança de atitude (Mackie & Smith, 1998; Pettigrew & Tropp, 2000; Wright, Aron & Tropp, 2002). Relações próximas a longo prazo, incluindo as familiares, dão-nos contextos nos quais as típicas ansiedades e incertezas do contato no endogrupo possam ser melhoradas e conseqüentemente, são estabelecidas na medida em que as identidades e diferenças do grupo possam ser resolvidas de forma menos ameaçadora. Apesar de variados estudos sobre relações no endogrupo terem considerado o contato entre jovens e idosos que não se conhecem, muitos poucos são os estudos que têm considerado o papel de membros de grupos sociais alargados na comunicação familiar. A maioria dos jovens apresenta níveis baixos de contato intergeracional, oferecendo o contexto avós-netos uma rara fonte de contato com idosos (Ng, Liu, Weatherall & Loong, 1997). Por norma, esta relação também fornece um contato que é normalmente considerado mais positivo do que outros contextos intergeracionais (Ng et al., 1997).

Para a maioria das pessoas, a interação intergeracional mais comum ocorre dentro da família (Szinovacz, 1998). Na verdade, mais crianças e adultos tem hoje avós que vivem até mais tarde do que em qualquer outro momento da história (Mares, 1995). Além disso, esta relação é tipicamente caracterizada por uma interação predominantemente positiva (Ng, Liu, Weatherall e Loong, 1997), apoio institucional substancial (os pais geralmente incentivam a comunicação entre avós-netos, o que é socialmente aprovado) e um contexto no qual a identidade do endogrupo comum é prontamente disponível (Ng et al., 1997), por isso, na

partilha de uma identidade familiar comum, a relação avós-netos é um dos poucos contextos em que a maioria das pessoas mais jovens tem um contacto intergeracional próximo e confortável. Em termos práticos, a comunicação avós-netos é mais importante do que a comunicação intergeracional entre estranhos, devido à frequência com que ela ocorre. Neste contexto os membros de grupos etários familiares são salientes: o protótipo do avô/avó exibir características físicas de idade avançada, assim como, o seu papel é frequentemente associada com a idade em termos de distribuição de sabedoria, relato de eventos históricos e semelhantes (Harwood, 2000b; Harwood & Lin, 2000; Hewstone, Paolini, Cairns, Harwood & Voci, 2002; Nussbaum & Bettini, 1994). Estas relações podem ser influentes no desenvolvimento de crenças e valores dos netos (Brussoni & Boon, 1998).

Com o aumento do interesse nas interações entre jovens e adultos mais velhos, também aumentaram as teorias e modelos que servem para explicar as interações de comunicação intergeracional.

A Teoria da Acomodação da Comunicação (TAC), é aplicável a este contexto na medida em que, incide sobre as maneiras pelas quais os indivíduos ajustam a sua comunicação em resposta às necessidades, capacidades e expectativas percebidas dos parceiros de conversação (Shepard et al., 2001). A TAC envolve três fatores: a acomodação, sobre-acomodação e sub-acomodação. A sobre-acomodação é uma categoria de falta de comunicação na qual um participante percebe que o outro interveniente excede os comportamentos sociolinguísticos considerados necessários para a interação sincronizada (Shepard, Giles & Le Poire, 2001). A sub-acomodação é uma categoria de falta de comunicação em que o interveniente utiliza satisfatoriamente os comportamentos sociolinguísticos necessários para a interação sincronizada (Shepard et al., 2001). De acordo com a Teoria da Acomodação da Comunicação (TAC; Harwood & Giles, 2005), os intervenientes sobre acomodam-se ao interagirem uns com os outros, quando dependem excessivamente dos seus estereótipos, ou seja, alteram a comunicação mais do que é necessário (por exemplo: utilizando um discurso condescendente), enquanto se sub-acomodam quando não prestam atenção suficiente às necessidades reais dos seus parceiros (William & Giles, 1996), ou seja, não ajustam a comunicação entre um com o outro, havendo presença excessiva de auto-revelações por parte dos idosos, referente aos seus problemas de saúde ou solidão (Bonnesen & Hummert, 2002; Coupland, Coupland, Giles, & Henwood, 1998).

Tal como acontece com o contacto intergeracional não-familiar, pesquisas chegaram à conclusão que as dimensões de acomodação da comunicação estão relacionadas com a satisfação no relacionamento avós-netos. Estudos desenvolvidos por Harwood e Lin (2000a;

2003) constataram que a acomodação da comunicação está associada com a força da relação entre avós-netos.

Os avós desempenham um papel importante como fontes de informação sobre a história familiar, e podem oferecer aos jovens uma fonte alternativa de apoio social familiar (Lin, Harwood & Bonneson, 2002; Nussbaum & Bettini, 1994). Relações próximas entre avós-netos também podem beneficiar os avós, proporcionando maior envolvimento e melhor saúde mental (Kivnick, 1981). As pesquisas indicam que a díade avós-netos pode ser complexa e oferecer uma ampla variedade de experiências de comunicação e oportunidade.

A literatura tem destacado o duplo contributo dos avós no desenvolvimento dos netos: direto, enquanto parceiros interativos, prestadores de cuidados primários, companheiros confidentes, prestadores de apoio emocional, transmissores do legado familiar e nacional, e fornecedores de estimulação cognitiva e afetiva, e indireto, enquanto fontes de apoio social e material aos pais (Creasey & Koblewski, 1991; Smith, 1995; Tinsley & Parke, 1987; Tomlin, 1998).

A Teoria da Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengston & Roberts, 1991), constitui uma das mais-valias teóricas enquanto possibilidade de ordenação e classificação de conhecimentos neste âmbito. A solidariedade intergeracional deriva de seis componentes: associação e contacto; afeto ou proximidade emocional; consenso ou acordo; apoio funcional ou instrumental e partilha de recursos; familismo ou obrigações normativas e oportunidades estruturais para a interação familiar (Allen, Blieznner & Roberto, 2000). Por solidariedade intergeracional compreende-se a necessidade de se cultivarem relações harmoniosas e produtivas entre as gerações, no sentido de promover a dignidade humana, a paz e a justiça social (Bales, 2002). Devem ser privilegiadas as relações intrafamiliares nas suas dinâmicas individuais, institucionais e sociais.

Para quem teve privilégio de conviver de perto com “os seus avós” é difícil não ceder à tentação de navegar na memória e reavivar os seus gestos, feições de ser, maneiras de fazer, expressões do sentir. Raiz matricial de uma identidade familiar, comunitária e geracional que enforma uma construção referencial do que somos e de quem somos, os avós projetam em nós a essência do seu vivido de memórias feitas (Simas, 2014). Somos herdeiros de um tempo em que necessitamos de reinventar os valores de reciprocidade (Stoetzel, 1983; Sue, 2004), da ancestralidade (Peristiany, 1988), da ligação e do elo que nos formam, que nos socializam e nos autonomizam. Os avós têm, por isso, um significado e um profundo sentido que ficou depositado em nós.

Para o reforço do sentido das visões comuns, contribui, severamente, o volume colossal da produção visual que circula numa sociedade do conhecimento e da informação, alimentado pela cultura mediática (Bourdelaís, 1993). A imagem estereotipada denuncia assim, as qualidades comuns subjacentes aos papéis e estatutos sociais atribuídos.

Contudo, apesar da ligação e pertença a uma fase do ciclo de vida, é curioso notar que a imagem de velhos e de avós é substancialmente diferente da significação e das categorias dos “velhos” ou do que eufemisticamente se convencionou chamar de “seniores” (Guerin, 2002) ou de “terceira idade” ou “quarta idade”. Não é menos verdade que ser-se avô ou avó é, ainda, confinar-se a imagens estereotipadas, mas neste caso preciso, os atributos imagéticos realçam a bondade dos altos, o aconchego dos laços e a benevolência dos gestos. Os nossos avós parecem ser personagens que destoam da imagem de velhice convencional (Simas, 2014).

Pouca atenção tem sido dada às relações pessoais nos estudos sobre a comunicação intergeracional (William & Nussbaum, 2011). A relação positiva entre avós-netos é mutuamente benéfica tanto para os jovens como para os idosos. Netos que relatam ter relações estreitas com os seus avós são mais propensos a envolverem-se em atividades com eles, observam benefícios em passar tempo com os seus avós e são suscetíveis de ser influenciados pelos valores e crenças dos seus avós (Brussoni & Boon, 1998).

Nos estudos desenvolvidos por Pecchioni e Croghan (2002) foram encontrados mais estereótipos positivos em relação aos avós em detrimento das relações menos próximas. A proximidade relacional desempenha um papel importante no processo de estereótipos (Pecchioni & Croghan, 2002). Ser neto é um papel com expectativas sociais distintas, especificamente, pode ser socialmente inadequado estereotipar negativamente os seus avós. Posto isto, quando um jovem está a falar sobre os seus avós, a influência de proximidade na estereotipagem pode ser minimizada, mesmo no caso em que os avós não são muito próximos não são estereotipados negativamente. Contudo, ao falar sobre um conhecido adulto mais velho, níveis mais baixo de proximidade relacional irá prever estereótipos negativos dada a grande aceitabilidade de estereótipos negativos fora do contexto familiar (Simas, 2014).

Quando os jovens têm uma perceção positiva dos idosos, são mais propensos a serem positivos sobre o seu próprio envelhecimento. Segundo o estudo de Levy, Slade, Kunkel e Kasl (2002) as pessoas com uma auto-perceção mais positiva em relação ao envelhecimento tinham uma vontade mais forte de viver e viveram mais tempo. No entanto, aqueles que têm contacto frequente com os avós durante a infância, desenvolvem opiniões positivas sobre o envelhecimento (Silverstein & Parrott, 1997). O contato com adultos mais velhos, também reduz a ansiedade em relação ao seu próprio envelhecimento (Yan et al., 2011). A saliência da

idade e a sobre-acomodação e sub-acomodação para com os seus avós estão negativamente relacionadas com as atitudes em rela o ao seu próprio envelhecimento (Soliz & Harwood, 2006). Dentro de contextos intergeracionais, a saliência da idade   mais suscetível de ser associada com atitudes negativas para com os idosos, dado o fato de que níveis elevados da saliência da idade ativam estereótipos negativos nos idosos (William & Giles, 1996).

2.4. Objetivo e Hipóteses

O objetivo desta investiga o prende-se com o facto de conhecer de que forma a rela o entre avós-netos influencia o idadismo dos jovens em rela o às pessoas idosas em geral. Procura-se, em particular avaliar a rela o entre as variáveis rela o com os avós, auto-revela o, saliência da idade e identidade familiar que se relacionam com os estereótipos e emo es em rela o às pessoas idosas. O presente estudo pretende assim, replicar pela primeira vez o estudo de Soliz e Harwood (2006), numa amostra de pré-adolescente no contexto português.

Neste contexto, construímos as seguintes hipóteses:

H1: Uma maior partilha de identidade familiar com os avós está associada a menor idadismo em rela o às pessoas mais velhas.

H2: A saliência da idade dos avós encontra-se associada a níveis menores de idadismo em rela o às pessoas mais velhas.

H3: A auto-revela o para com os avós resultará num nível mais baixo de idadismo contra as pessoas idosas.

H4: A satisfa o com o relacionamento contribui para menor idadismo em rela o às pessoas mais velhas.

III. MÉTODO

3.1. Participantes

Como podemos verificar através do Quadro 3.1.1, participaram neste estudo 145 jovens estudantes. A amostra foi constituída por 60 participantes do sexo feminino e 85 participantes do sexo masculino. A idade dos participantes varia entre os 11 e os 13 anos, sendo a média de idades de, aproximadamente 12,14 anos ($M = 12.14; DP = .808$). Estes participantes encontram-se a frequentar atualmente o 6º, 7º e 8º ano numa Escola Básica, situada na Região do Algarve. A maioria é de nacionalidade portuguesa (98,6%), em comparação com outras nacionalidades (1,4%).

Quanto à dimensão, partilha de habitação, 75% dos participantes habitam com o pai e a mãe, 14,6% um tempo com o pai e um tempo com a mãe e 10,4% só com o pai ou só com a mãe. Em relação à partilha de habitação com os avós, 88,3% dos participantes não habita com os avós em detrimento de 11,7% dos participantes que partilha habitação com os avós.

Numa maneira geral os participantes têm mais contacto com a avó materna (44,1%) e o avô materno (15,9%), em relação à avó paterna (22,8%) e o avô paterno (9,7%). Existem ainda alguns casos em que os participantes estabelecem contacto em simultâneo com a avó e avô materno e paterno (1,4%) e com todos os avós (2,1%).

É de salientar, que apenas 3,4% dos participantes desenvolvem outros contactos com pessoas idosas, fora do contexto familiar. Existindo um ou outro caso em que os participantes partilham uma relação com os seus bisavós (0,6%).

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Variáveis Sócio Demográficas		N	%
Sexo	Feminino	60	41,4
	Masculino	85	58,6
Idade	11	38	26,2
	12	48	33,1
	13	59	40,7
Nacionalidade	Portuguesa	143	98,6
	Outras	2	1,4
Partilha de habitação	Com pai e mãe	109	75
	Um tempo com o pai e um tempo com a mãe	21	14,6
	Só com a mãe ou só com o pai	15	10,4
Partilha de habitação com os avós	Sim	17	11,7
	Não	128	88,3
Relação com os avós	Mãe da mãe	64	44,1
	Mãe do pai	33	22,8
	Pai da mãe	23	15,9
	Pai do pai	14	9,7
	Todos os avós	3	2,1
	Avó materna e paterna	2	1,4
	Bisavós	1	0,6
	Outra	5	3,4

***Tabela 1** – Características sócio demográficas dos participantes*

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questões sócio demográficas

De forma a recolher informações sócio demográficas foram colocadas questões de âmbito pessoal como: o sexo, idade, nacionalidade, com quem os participantes partilham a habitação, se partilham a habitação com os avós e qual a relação que estabelecem com os mesmos.

Para avaliar as características sócio demográficas dos participantes, recorreu-se ao *Grandparent Relationship Questionnaire*, destinado a recolher o número e tipo de relações que os participantes estabelecem com os seus avós (linhagem e sexo), assim como, informações sócio demográficas gerais dos participantes.

3.2.2. Visão dos avós

Para avaliar a visão que os jovens tinham dos avós foi colocada uma questão aberta em que se pedia aos jovens para descreverem o avô/avó com quem passam mais tempo (i.e., “Diz-me, como vês esse avô/avó?”).

3.2.3. Identidade Familiar

No estudo em que nos baseamos de Harwood e Soliz (2006), foram aplicados dezasseis itens de resposta sobre a relação avós-netos aos participantes (estudantes universitários), nesses dezasseis itens foram incluídas duas dimensões de análise: a tipicidade do membro da família e a saliência familiar.

Os primeiros dez itens foram desenvolvidos especificamente para o estudo de Harwood e Soliz (2006), enquanto os restantes seis itens foram resultantes de estudos anteriores em famílias recompostas (Banker & Gaertner, 1998). Dos dez itens desenvolvidos para o estudo, os quatro primeiros itens focam-se na tipicidade dos avós como um membro da família (e.g. “Este(a) avô/avó é semelhante a outros membros da minha família”, “Este(a) avô/avó comporta-se de forma diferente do resto da minha família”, “Este(a) avô/avó não é representativo na minha família”, “Este(a) avô/avó comunica como os outros membros da minha família”). Os seis próximos itens foram orientados no sentido de uma avaliação mais direta da importância da família na relação dos netos com os seus avós: (e.g. “Ao falar com este(a) avô/avó, eu tenho um forte sentimento de que somos da mesma família”, “A minha participação familiar partilhada com este(a) avô/avó não é tão importante”, “Tenho orgulho em pertencer à mesma família que este(a) avô/avó”, “Acima de tudo, penso neste(a) avô/avó como membro da minha família”, “Este(a) avô/avó é uma parte importante na minha família”, “Sem este(a) avô/avó na minha família seria tudo muito diferente”). Os itens foram

medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 – *discordo completamente*; 5 – *concordo completamente*).

Os últimos seis itens foram derivados do estudo de Banker e Gaertner (1998), que abordou questões de identidade familiar, onde existem distinções entre grupos adicionais, (e.g. biológico vs passo-familiar e jovens vs idade) dentro da díade avós-netos, apesar de serem da mesma família essas questões podem ser relevantes para o estudo atual. Os participantes responderam aos seguintes itens sobre o relacionamento com os seus avós (e.g. “Eu sinto que nós somos membros de uma família”, “Eu sinto que somos membros de grupos distintos”, “Eu sinto que somos membros de famílias separadas”, “Eu sinto que somos membros de grupos menores numa grande família”, “Eu sinto que nós somos indivíduos separados”). Os itens foram medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 – *discordo completamente*; 5- *concordo completamente*).

No presente estudo tendo em vista a adaptação a uma amostra de pré-adolescentes, utilizamos apenas seis itens de resposta sobre a relação avós-netos, com o intuito de medir a variável identidade familiar. Os seis itens desenvolvidos para o estudo atual, foram orientados no sentido de uma avaliação mais direta da importância da família na relação do neto com os seus avós: a) Sinto-me orgulhoso por pertencer à mesma família que este(a) avô/avó; b) Este(a) avô/avó é uma parte importante na minha família; c) Os meus pais e este(a) avô/avó dão-se bem; d) No geral, os meus pais incentivam-me a ter uma relação com este(a) avô/avó; e) Os meus pais lembram-me para telefonar, escrever e/ou enviar email para este(a) avô/avó; f) Os meus pais dizem-me para ir com eles, quando vão visitar este(a) avô/avó. Os itens de resposta foram medidos numa escala de *Likert* de 7 pontos (1- *Discordo completamente* a 7- *Concordo completamente*).

A análise de consistência interna confirmou que estes itens alcançaram uma confiabilidade aceitável ($\alpha = .61$).

3.2.4. Auto-Revelação

Do ponto de vista relacional, a auto-revelação, funciona como uma dimensão importante no desenvolvimento relacional (Altman & Taylor, 1973; 1987) e proximidade (Berg & Archer, 1983; Parker & Gottman, 1989; Rubin & Shenker, 1978).

Para avaliar esta dimensão, foram utilizados os itens derivados de Laurenceau, Barrett e Pietromonaco (1998) em Harwood et al., (2004) na investigação da relação avós-netos.

Tendo como base o estudo de Harwood e Soliz (2006), a auto-revelação foi medida através de três itens que avaliam a percepção de comportamentos dos participantes com os seus

avós: (“a) Quanto é que expressas os teus sentimentos”, “b) Quanta informação pessoal revelas”, “c) Quão pessoal é a informação que revelas”) e três itens que avaliam a percepção dos mesmos comportamentos dos avós em relação aos seus netos: (“d) Quanto dos sentimentos este(a) avô/avó te expressa”, “e) Quanta informação pessoal este(a) avô/avó te revela”, “f) Quão pessoal é a informação que este(a) avô/avó te revela”). Os itens foram medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (1- *de modo nenhum*; 5- *muito*).

Os itens desenvolvidos para o estudo atual, foram orientados no sentido de uma avaliação direcionada para a proximidade afetiva entre avós-netos: “a) Costumas ser carinhoso(a) para o teu/tua avô/avó”, “b) E o teu/tua avô/avó costuma ser carinhoso(a) para ti”. Os itens de resposta foram medidos numa escala de *Likert* de 7 pontos (1- *Discordo completamente* a 7- *Concordo completamente*). Os itens foram avaliados ao nível da percepção da auto-revelação dos netos, que alcançou a análise de consistência interna aceitável ($\alpha = .67$).

3.2.5. *Saliência da Idade*

Tendo em consideração o estudo original de Soliz e Harwood (2006), no presente estudo a saliência da idade foi medida através de sete itens, por forma a avaliar o grau em que os jovens percebem a idade como dimensão saliente na interação com os seus avós: “a) Até que ponto notas na idade que o teu/tua avô/avó tem quando falas com ele/ela”, “b) A idade deste(a) avô/avó importa quando falas com ele(a)”, “c) Até que ponto consideras este(a) avô/avó uma pessoa idosa típica.” Os itens de resposta foram medidos a partir de uma escala de *Likert* de 7 pontos (1- *Discordo completamente* a 7 – *Concordo completamente*).

A análise de consistência interna confirmou que estes itens alcançaram uma confiabilidade aceitável ($\alpha = .66$).

3.2.6. *Satisfação com o Relacionamento*

No estudo atual, tivemos como base o questionário aplicado no programa imAGES, tendo como objetivo comum a redução de comportamentos idadistas. Foram medidos quatro itens para avaliar a satisfação com o relacionamento: “a) Gosto muito deste(a) avô/avó”, “b) Sou muito(a) amigo(a) deste(a) avô/avó”, “c) É sempre muito divertido estar com este(a) avô/avó”, “d) Estar com este(a) avô/avó pode ser um bocado aborrecido às vezes.” Os itens de resposta foram medidos a partir de uma escala de *Likert* de 7 pontos (1- *Discordo completamente* a 7 – *Concordo completamente*).

A análise de consistência interna confirmou que estes itens alcançaram uma confiabilidade excelente ($\alpha = .86$).

3.2.7. *Estereótipo de Envelhecimento*

Os estereótipos são constituídos por duas dimensões: competência e afetuosidade (Fiske et. al., 2002).

No presente estudo, tivemos como base o questionário aplicado no programa imAGES, onde foi pedido aos participantes que pensassem nas pessoas idosas com 65 anos ou mais, e em que medida achavam que os idosos são: confiantes, capazes, habilidosos, amigáveis, de confiança e sinceros. Ainda neste contexto, foram criadas duas variáveis a partir dos conceitos que caracterizam as pessoas idosas, o Estereótipo de Competência que avalia a confiança, capacidade e habilidade das pessoas idosas e o Estereótipo de Afetuosidade que avalia a amizade, o fato de estas serem de confiança e a sinceridade. Os itens de resposta foram medidos a partir de uma escala de *Likert* de 7 pontos (1- Discordo completamente a 7 – Concordo completamente).

A análise de consistência interna confirmou que o Estereótipo de Competência alcançou uma confiabilidade excelente ($\alpha = .93$), assim como, o Estereótipo de Afetuosidade ($\alpha = .81$).

3.2.8. *Emoções em Relação às Pessoas Idosa*

Tendo como base o estudo de Fiske et al., (2002), o presente estudo tivemos como base o questionário do programa imAGES, onde foi pedido aos participantes que pensassem nas pessoas com 65 anos ou mais, e dissessem o que sentem acerca delas: inveja, admiração, pena e desprezo. Para cada adjetivo as respostas foram medidas a partir de uma escala de *Likert* de 7 pontos (1- Discordo completamente a 7 – Concordo completamente). Estes indicadores foram analisados de forma isolada.

A análise de consistência interna confirmou que estes itens alcançaram uma confiabilidade aceitável ($\alpha = .68$).

3.3. *Procedimentos*

A construção do questionário foi adaptada do estudo de Harwood e Soliz (2006) depois de efetuada a revisão de literatura. As variáveis foram medidas a partir de uma escala de resposta tipo *Likert* de 7 pontos, 1 (e.g. Discordo totalmente; Nunca) a 7 (e.g. Concordo totalmente; Sempre), por forma a aumentar a variabilidade das respostas.

Efetuamos o contacto com um dos autores do estudo, com o intuito de nos facultar a versão original do questionário aplicado no estudo. Posteriormente, as características originais em inglês foram submetidas a um processo de tradução dual para a língua portuguesa e a linguagem foi adaptada à idade dos participantes.

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Após feitas as alterações, o instrumento foi pré-testado em cinco jovens, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11, 12 e 13 anos, com a autorização dos pais que foram devidamente informados acerca das características do estudo. No contacto inicial foi explicado aos jovens o objetivo do estudo. Com a realização do pré-teste pretendemos saber se o questionário era extenso ou não e se as questões eram de fácil compreensão, de uma maneira geral todos eles deram um feedback positivo acerca do questionário. À posteriori, o questionário foi aplicado a jovens que integravam o Ensino Básico com 11, 12 e 13 anos, numa escola situada na Região do Algarve.

Os dados foram recolhidos, entre Maio e Junho de 2015, através da distribuição dos questionários em formato papel. Os questionários foram distribuídos em duas versões: Versão A – participantes que estabelecem contacto com os seus avós e Versão B – participantes que não estabelecem contacto com os seus avós ou já não tem avós vivos. Tendo em conta que o número que respondeu à versão B foi reduzida (2 participantes), não consideramos a análise desta versão.

Para a sua aplicação em contexto institucional foram obtidas as autorizações por parte da direção da Escola Básica. Adicionalmente, foram obtidos os consentimentos informados aos encarregados de educação dos alunos, conforme consta no Código Deontológico dos Psicólogos (Princípio Específico – *Consentimento Informado*), neste contexto “entende-se por *consentimento informado* a escolha de participação voluntária do cliente, após ser-lhe dada a informação sobre a natureza e curso previsível desse mesmo ato” (Regulamento nº 258/2011 de 20 de Abril). Foi assegurado a cada jovem, a confidencialidade dos dados recolhidos e solicitada a concordância (através do pressuposto do consentimento informado) em participar na presente pesquisa.

IV. RESULTADOS

4.1. *Visão dos avós*

No questionário foi colocada uma questão aberta aos participantes “Diz-me como vês esse(a) avô/avó?”

A maioria dos participantes considera o seu/sua avô/avó: amigo(a) (68,2%), simpático(a) (46,8%), bom/boa (32,4%) e disponível (31%).

4.2. *Relação com os avós*

De forma a verificar os efeitos da relação dos participantes com os seus avós, realizamos uma análise a cada um dos quatro itens constituintes do questionário: “Ajudas este(a) avô/avó nos seus recados e tarefas domésticas”, “Quando eras mais novo(a), foste educado por este(a) avô/avó”, “Discutes os teus problemas com este(a) avô/avó” e “Costumas receber conselhos deste(a) avô/avó.”

A análise do *gráfico 4.2.1*, acerca do efeito da perceção dos jovens acerca da relação que estabelecem com este(a) avô/avó, revelou que 89% dos participantes costuma receber conselho deste(a) avô/avó, em detrimento de 11% dos participantes que não costuma receber conselhos dos seus avós, aliado a isto está o facto de os participantes discutirem os seus problemas com este(a) avô/avó, onde 70,3% afirma que discute os problemas e 29,7% não discute os problemas.

Em relação à colaboração por parte dos participantes com este(a) avô/avó nos seus recados e tarefas domésticas, 84,8% colabora, estando o conceito de entreatuda muito presente neste tipo de relação (avós-netos), em detrimento de 15,2% que não colabora.

No que concerne à educação dada por parte deste avô/avó, é possível verificar no gráfico que os valores de sim/não apresentam-se muito próximos, devido ao facto dos participantes partirem do pressuposto que a educação é dada pelos seus pais, logo 54,5% dos participantes afirma que foi educado pelos seus avós e 45,5% dos participantes afirma que não foi educado pelos seus avós.

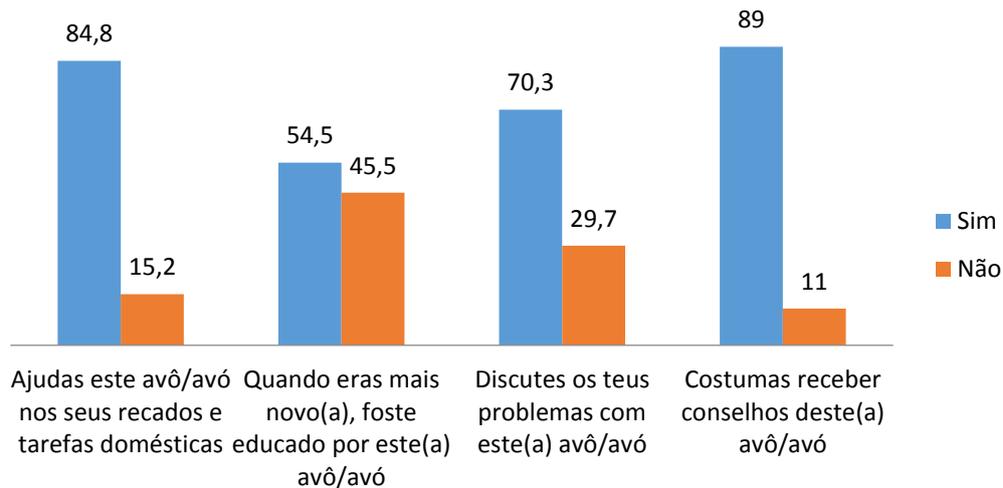


Figura 1 - Efeito da percepção dos jovens acerca da relação que estabelecem com os seus avós

4.3. Identidade Familiar

A análise dos dados permitiu revelar um nível médio/elevado de identidade familiar ($M=4.58; DP=0.49; t=112.884; p<.000$).

4.4. Auto-Revelação

Os níveis de auto-revelação verificaram-se médios/altos na amostra analisada ($M=4.71; DP=0.5; t=111.419; p<.000$).

4.5. Saliência da Idade

Na verificação da variável saliência da idade, foi possível constatar que em média os participantes consideram medianamente que a idade dos seus avós é saliente no contexto de interação ($M=3.66; DP=0.57; t=77.463; p<.000$).

4.6. Satisfação com o Relacionamento

Na verificação do efeito da variável satisfação com o relacionamento, foi possível constatar que em média os participantes encontram-se satisfeitos com a relação que estabelecem com os seus avós ($M=4.18; DP=0.42; t=119.298; df=144; p<.000$).

4.7. *Estereótipo de Envelhecimento*

A partir das seis características/itens relativo ao conceito estereótipo de envelhecimento pretendeu-se analisar a perceção dos jovens em relação às pessoas com 65 anos ou mais, tendo em conta conceitos como: confiantes, capazes, habilidosos, amigáveis, de confiança e sinceros, com intuito de obtermos conhecimento da maneira como os idosos são vistos pela sociedade.

Na verificação do efeito significativo da variável estereótipo em relação ao conceito confiantes, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são pouco confiantes ($M=4.98;DP=2.02$).

No gráfico 4.7.1., acerca do efeito da perceção dos jovens em relação à confiança das pessoas idosas na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 28,3% dos participantes, considera que os idosos são muito confiantes, 22,1% consideram que são confiantes, 19,3% consideram que são pouco confiantes, 10,3% consideram que são mais ou menos confiantes, 4,1% consideram que não são muito confiantes, 1,4% consideram que não são confiantes e 14,5% consideram que não são nada confiantes.

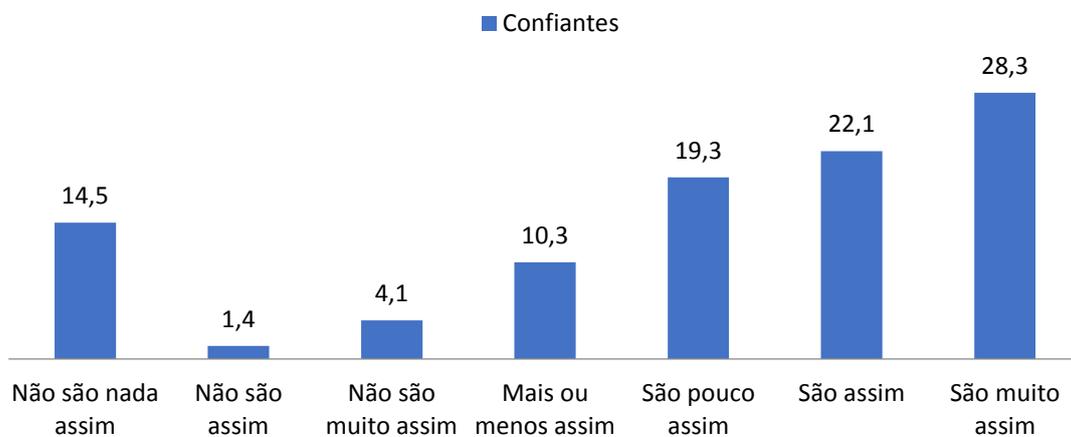


Figura 2 - Efeito da perceção dos jovens em relação à confiança das pessoas idosas na variável Estereótipo

Na verificação do efeito da variável estereótipo em relação ao conceito capazes, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são capacitadas ($M=5.18;DP=2.05$).

No gráfico 4.7.2., acerca do efeito da perceção dos jovens em relação à capacidade das pessoas idosas na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 33,5% dos participantes, considera que os idosos são muito capazes, 22,1% consideram que são capazes, 13,1% consideram que são pouco capazes, 11% consideram que são mais ou menos

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

capazes, 3,4% consideram que não são muito capazes, 2,4% consideram que não são capazes e 14,5% consideram que não são nada capazes.

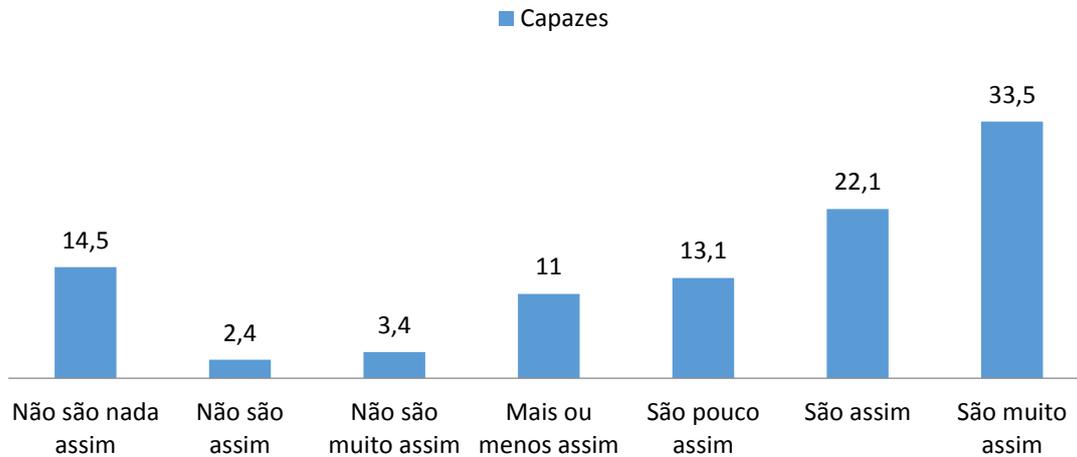


Figura 3 - Efeito da percepção dos jovens em relação à capacidade das pessoas idosas na variável Estereótipo

Na verificação do efeito da variável estereótipo em relação ao conceito habilidosos, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são habilidosas ($M=5.25; DP=2.06$).

No gráfico 4.7.3., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação à habilidade das pessoas idosas na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 40% dos participantes, considera que os idosos são muito habilidosos, 19,3% consideram que são habilidosos, 12,4% consideram que são pouco habilidosos, 9,7% consideram que são mais ou menos habilidosos, 4,1% consideram que não são muito habilidosos, 1,4% consideram que não são habilidosos e 13,1% consideram que não são nada habilidosos.

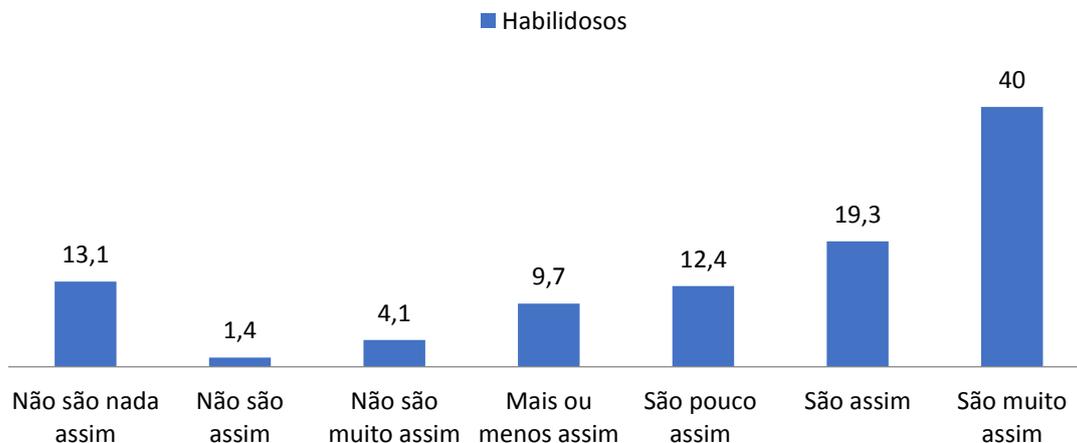


Figura 4 - Efeito da percepção dos jovens em relação à habilidade das pessoas idosas na variável Estereótipo

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Na verificação do efeito da variável estereótipo em relação ao conceito amigáveis, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são amigas ($M=6.23;DP=1.12$).

No gráfico 4.7.4., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação à amizade das pessoas idosas na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 58,6% dos participantes, considera que os idosos são muito amigáveis, 14,5% consideram que são amigáveis, 16,6% consideram que são pouco amigáveis, 7,6% consideram que são mais ou menos amigáveis, 0,7% consideram que não são muito amigáveis, 1,3% consideram que não são amigáveis e 0,7% consideram que não são nada amigáveis.

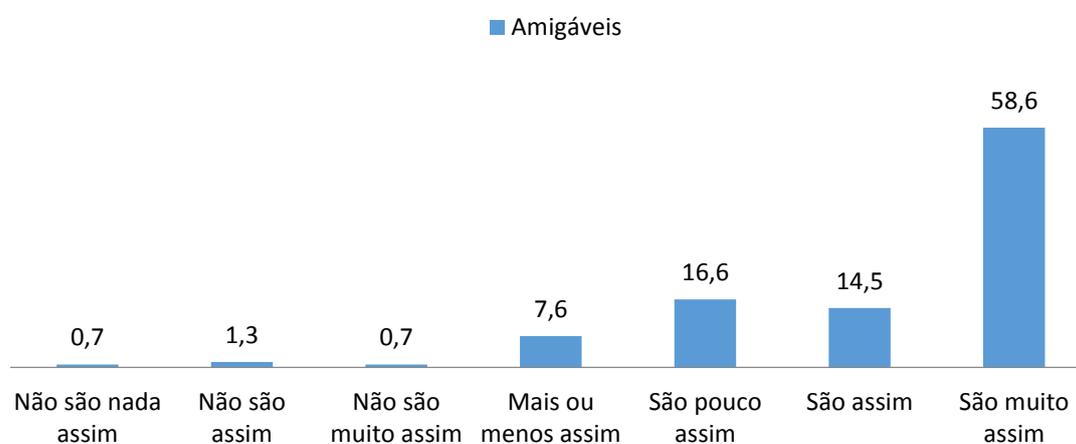


Figura 5 - Efeito da percepção dos jovens em relação à amizade das pessoas idosas na variável Estereótipo

Na verificação do efeito da variável estereótipo em relação ao conceito de confiança, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são de confiança ($M=6.10;DP=1.27$).

No gráfico 4.7.5., acerca do efeito da percepção dos jovens em considerarem que as pessoas idosas são de confiança na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 56,5% dos participantes, considera que os idosos são muito de confiança, 15,9% consideram que são de confiança, 14,5% consideram que são pouco de confiança, 6,2% consideram que são mais ou menos de confiança, 5,5% consideram que não são muito de confiança, 0,7% consideram que não são de confiança e 0,7% consideram que não são nada de confiança.

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

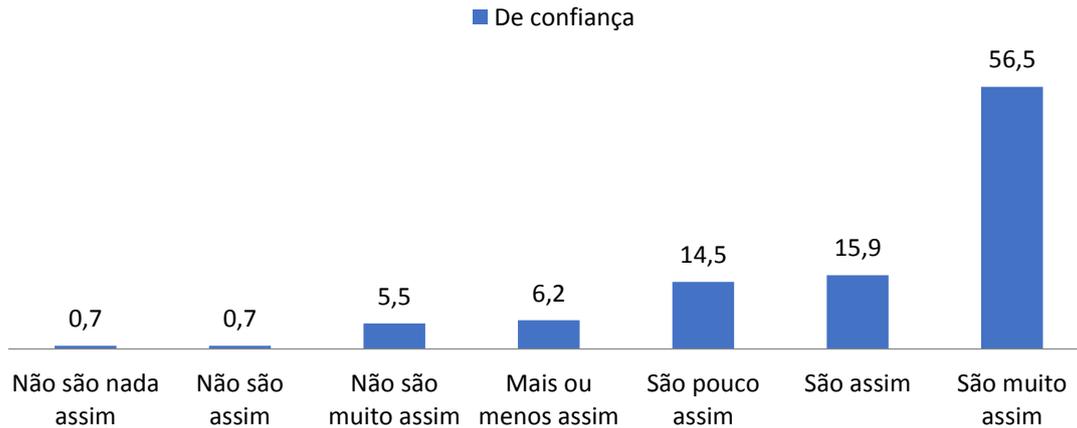


Figura 6 - Efeito da percepção dos jovens em considerar que as pessoas idosas são de confiança na variável Estereótipo

Na verificação do efeito da variável estereótipo em relação ao conceito sinceras, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que as pessoas idosas são sinceras ($M=6.18; DP=1.22$).

No gráfico 4.7.6., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação à sinceridade das pessoas idosas na variável estereótipo, podemos constatar que de uma maneira geral, 54,9% dos participantes, consideram que os idosos são muito sinceros, 22,1% consideram que são sinceros, 13,1% consideram que são pouco sinceros, 6,2% consideram que são mais ou menos sinceros, 0,7% consideram que não são muito sinceros, 0,9% consideram que não são sinceros e 2,1% consideram que não são nada sinceros.

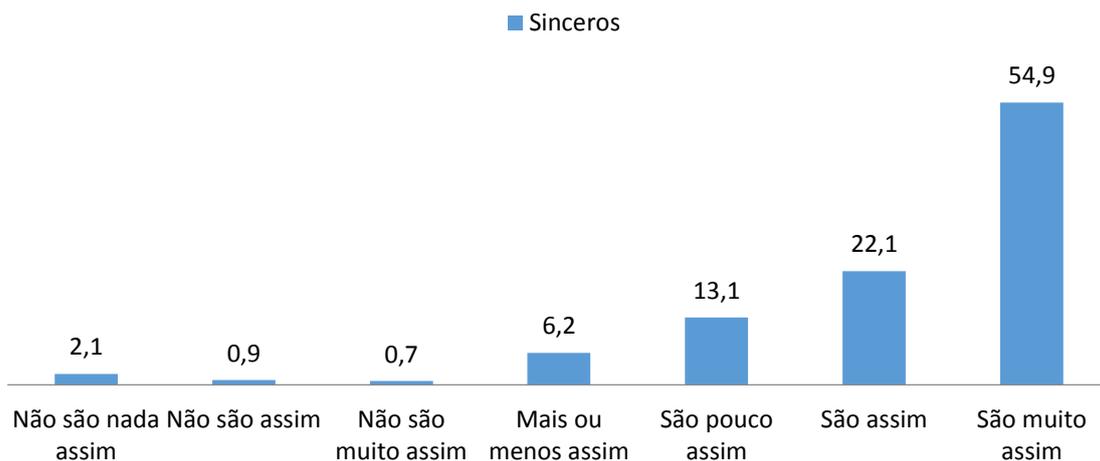


Figura 7 - Efeito da percepção dos jovens em relação à sinceridade das pessoas idosas na variável Estereótipo

Em suma, os participantes consideraram que as pessoas com 65 anos ou mais serão mais afetuosas de um modo geral (amigas, de confiança e sinceras), do que competentes (confiantes, capazes e habilidosas). Para confirmar estes resultados, foi elaborado um teste t de amostras emparelhadas ($t=-7.498;p=.000$).

4.8. Emoções em relação às pessoas idosas

A partir das quatro características/itens relativo ao conceito emoções pretendeu-se analisar a perceção dos jovens em relação ao que sentem pelas pessoas com 65 anos ou mais, tendo em conta conceitos como: inveja, admiração, pena e desprezo com intuito de obtermos conhecimento da maneira como os idosos são tratados pela sociedade.

Na verificação do efeito da variável emoções em relação ao conceito inveja, foi possível constatar que em média os participantes consideraram que não sentem inveja das pessoas idosas ($M=2.4;DP=1.76$).

No gráfico 4.8.1., acerca do efeito da perceção dos jovens em relação ao sentimento de inveja pelas pessoas idosas na variável emoções, podemos constatar que de uma maneira geral, 66,2% dos participantes, não sentem nada inveja das pessoas idosas, 9% consideram que não sentem inveja, 4,1% consideram que não sentem muita inveja, 6,9% consideram que sentem mais ou menos inveja, 6,2% consideram que sentem pouca inveja, 4,1% consideram que sentem inveja e 3,5% consideram que sentem muita inveja.

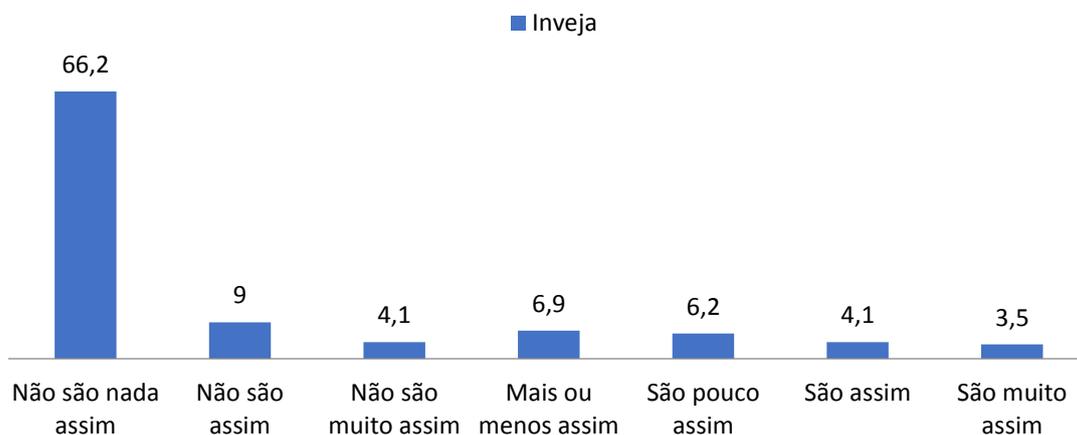


Figura 8 - Efeito da perceção dos jovens em relação ao sentimento de inveja pelas pessoas idosas na variável Emoções

Na verificação do efeito da variável emoções em relação ao conceito admiração, foi possível constatar que em média os participantes sentem admiração pelas pessoas idosas ($M=5.28; DP=1.93$).

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

No gráfico 4.8.2., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação à admiração pelas pessoas idosas na variável emoções, podemos constatar que de uma maneira geral, 36,4% dos participantes, sentem muita admiração pelas pessoas idosas, 21,4% consideram que sentem admiração, 16,6% consideram que sentem pouca admiração, 5,5% consideram que sentem mais ou menos admiração, 9% consideram não sentem muita admiração, 1,4% consideram que não sentem admiração e 9,7% consideram que não sentem nada admiração.

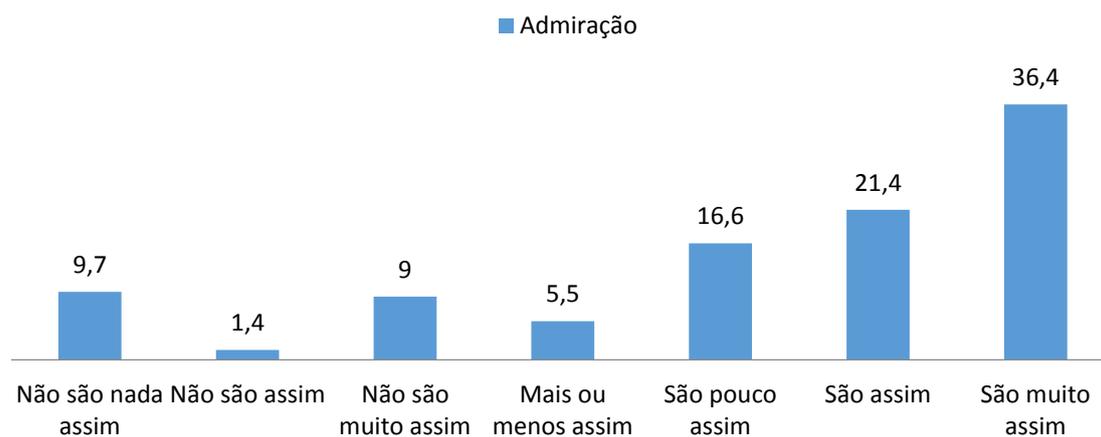


Figura 9 - Efeito da percepção dos jovens em relação à admiração pelas pessoas idosas na variável Emoções

Na verificação do efeito significativo da variável emoções em relação ao conceito pena, foi possível constatar que em média os participantes não sentem pena das pessoas idosas, embora a dispersão dos resultados seja elevada ($M=3.7; DP=2.26$).

No gráfico 4.8.3., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de pena pelas pessoas idosas na variável emoções, podemos constatar que de uma maneira geral, 29% dos participantes, não sentem nada pena das pessoas idosas, 8,3% consideram que não sentem pena, 10,3% consideram que não sentem muita pena, 13,8% consideram que sentem mais ou menos pena, 12,4% consideram que sentem pouca pena, 6,9% consideram que sentem pena e 19,3% consideram que sentem muita pena.

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

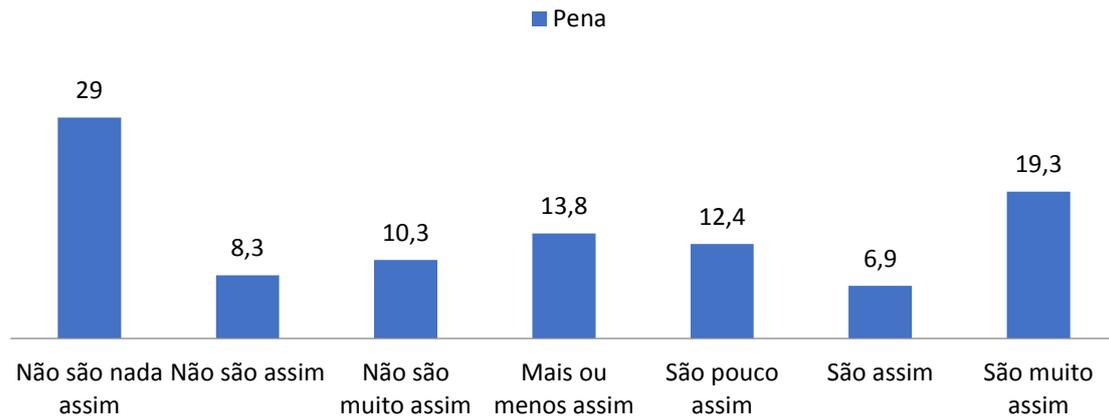


Figura 10 - Efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de pena pelas pessoas idosas na variável Emoções

Na verificação do efeito significativo da variável emoções em relação ao conceito desprezo, foi possível constatar que em média os participantes não desprezam as pessoas idosas, devido ao facto de estabelecerem uma relação positiva com os seus avós ($M=1.74; DP=1.51$).

No gráfico 4.8.4., acerca do efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de desprezo pelas pessoas idosas na variável emoções, podemos constatar que de uma maneira geral, 72,4% dos participantes, consideram que não desprezam nada as pessoas idosas, 9,7% consideram que não desprezam, 6,9% consideram que não desprezam muito, 2,1% consideram que desprezam mais ou menos, 6,2% consideram que desprezam pouco, 4,1% consideram que desprezam e 3,5% consideram que desprezam muito.

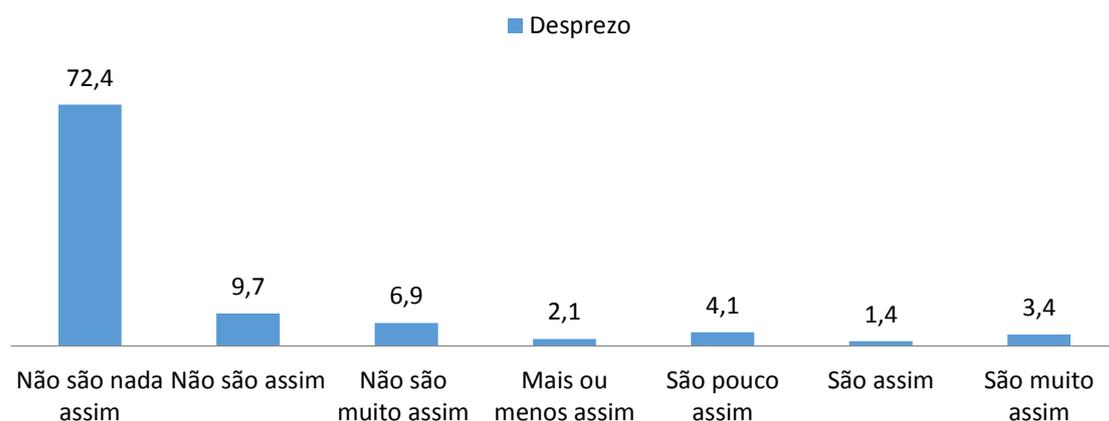


Figura 11 - Efeito da percepção dos jovens em relação ao sentimento de desprezo pelas pessoas idosas na variável Emoções

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Em suma, os participantes partilham o sentimento de admiração pelas pessoas com 65 anos ou mais, em relação aos sentimentos de inveja, pena e desprezo, que caracterizam a variável emoções.

4.9. Correlação entre variáveis

Para testar as hipóteses em estudo, realizámos as correlações entre as variáveis em estudo. A Tabela 2 apresenta um resumo das relações verificadas entre as variáveis. De seguida, descrevem-se os resultados que se revelaram significativos.

Quanto ao teste das nossas hipóteses, verifica-se que nesta análise não existe uma correlação significativa entre as variáveis predictoras no nosso modelo (i.e., a identidade familiar, a auto-revelação, a saliência da idade e a satisfação com o relacionamento com os avós) nem com os estereótipos de competência e de afetuosidade, nem com nenhuma das emoções sentidas em relação às pessoas idosas. No entanto, verificaram-se algumas relações entre estas variáveis entre si e que são expectáveis segundo a literatura.

A auto-revelação encontra-se correlacionada positivamente com a identidade familiar ($r=0,348^{**}$), significa que, quanto mais partilha de identidade familiar, mais auto-revelação existe na relação avós-netos. E o estereótipo de afetuosidade encontra-se correlacionado positivamente com o estereótipo de competência ($r= 0,504^{**}$).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<i>1-Identidade Familiar</i>	--									
<i>2-Auto-Revelação</i>	0,348**	--								
<i>3-Saliência da idade</i>	0,12	0,095	--							
<i>4-Satisfação com o Relacionamento</i>	0,127	0,139	-0,141	--						
<i>5-Estereótipo de Competência</i>	-0,087	0,065	0,017	-0,094	--					
<i>6-Estereótipo de Afetuosidade</i>	0,152	0,149	0,084	-0,078	0,504**	--				
<i>7-Inveja</i>	0,085	-1,041	0,215	0,025	0,241**	0,801**	--			
<i>8-Admiração</i>	0,004	0,048	0,102	-0,128	0,369**	0,056	0,126	--		
<i>9-Pena</i>	-0,093	-0,068	-0,023	0,131	-0,176	0,308**	0,099	-0,099	--	
<i>10-Desprezo</i>	-0,112	-0,148	-0,159	0,059	0,083	-0,130	0,250**	-0,314	0,353**	--
<i>Mean</i>	4,58	4,71	3,66	4,18	5,14	6,17	2,04	5,28	3,7	1,74
<i>SD</i>	0,49	0,51	0,57	0,42	1,92	1,03	1,76	1,93	2,26	1,51

*p <.05 **p <.01

Tabela 2 - Matriz de correlações entre variáveis

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Para além da análise das correlações entre as variáveis estudadas procurámos ainda testar o efeito das variáveis relativas à relação direta com os avós no idadismo (ver Tabela 3).

Como se pode observar na Tabela 3, existem diferenças significativas quando os jovens são educados pelos seus avós, percecionam as pessoas idosas como mais competentes ($M=5.69; DP=1.45$) do que quando não foram educadas ($M=4.47; DP=2.19$) ($t=4.0; df=143; p=.00$). Verificou-se também diferenças significativas, quando os jovens ajudam os avós, não tem tendência a desprezar as pessoas idosas ($M=2.41; DP=2.10; t=-2.3; df=143; p=.02$). Por fim, quando os jovens discutem os seus problemas com os seus avós, também não tem tendência para desprezar as pessoas idosas ($M=2.19; DP=2.03; t=-2.35; df=143; p=.02$).

Tabela 3 - Média e Desvio Padrão da relação com os avós na compreensão do idadismo

Relação com os avós		M (DP)	M (DP)	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
		Sim	Não			
Ajudas este(a) avô/avó nos seus recados e tarefas domésticas	Competentes	5.07 (2.01)	5.53 (1.28)	-1.04	143	.29
	Afetuosos	6.17 (1.04)	6.20 (.97)	-.13	143	.89
	Admiração	5.33 (1.90)	5.00 (2.04)	.74	143	.45
	Inveja	2.04 (1.76)	2.05 (1.75)	-.12	143	.99
	Pena	3.65 (2.28)	4.00 (2.18)	-.66	143	.50
	Desprezo	1.62 (1.35)	2.41 (2.10)	-2.2	143	.23
Quando eras mais novo(a) foste educado(a) por este(a) avô/avó	Competentes	5.69 (1.45)	4.47 (2.19)	4.0	143	.00
	Afetuosos	6.21 (.98)	6.12 (1.08)	.52	143	.60
	Admiração	5.66 (1.67)	4.83 (2.11)	2.62	143	.01
	Inveja	1.99 (1.69)	2.11 (1.83)	-.40	143	.68
	Pena	3.57 (2.20)	3.86 (2.34)	-.77	143	.43
	Desprezo	1.61 (1.30)	1.89 (1.72)	-1.13	143	.25
Discutes os teus problemas com este(a) avô/avó	Competentes	5.09 (2.11)	5.23 (1.36)	-.39	143	.69
	Afetuosos	6.20 (1.03)	6.09 (1.01)	.58	143	.56
	Admiração	5.48 (1.85)	4.81 (2.02)	1.92	143	.57
	Inveja	1.95 (1.67)	2.26 (1.94)	-.95	143	.34
	Pena	3.52 (2.27)	4.14 (2.21)	-1.53	143	.13
	Desprezo	1.55 (1.83)	2.19 (2.03)	-2.35	143	.02
Costumas receber conselhos deste(a) avô/avó	Competentes	5.12 (1.95)	5.25 (1.71)	-.25	143	.80
	Afetuosos	6.18 (1.04)	6.10 (.96)	.27	143	.78
	Admiração	5.30 (1.92)	5.13 (1.99)	.34	143	.72
	Inveja	2.02 (1.73)	2.19 (1.94)	-.35	143	.72
	Pena	3.63 (2.25)	4.31 (2.35)	-1.14	143	.25
	Desprezo	1.68 (1.40)	2.19 (2.16)	-1.26	143	.20
Vives com os teus avós	Competentes	4.94 (1.73)	5.16 (1.95)	-.44	143	.65
	Afetuosos	5.82 (1.25)	6.22 (.99)	-1.4	143	.14
	Admiração	5.59 (1.80)	5.24 (1.94)	.69	143	.48
	Inveja	1.47 (1.37)	2.12 (1.79)	-1.43	143	.15
	Pena	4.12 (2.28)	3.65 (2.26)	.80	143	.42
	Desprezo	1.71 (1.53)	1.74 (1.51)	-.09	143	.92

V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Esta investigação tinha como objetivo estudar o efeito que a relação e a comunicação que existe entre avós e netos tem no modo como os jovens percebem as pessoas idosas. Especificamente, e seguindo as hipóteses anteriores estudadas com estudantes universitários (Harwood & Soliz, 2006) procurámos perceber se a relação com os avós, a auto-revelação, a saliência da idade e a identidade familiar influenciava os estereótipos de competência e de afetuosidade e as emoções atribuídas às pessoas idosas de um modo geral pelos pré-adolescentes inquiridos.

De um modo geral, não foi possível verificar as nossas hipóteses já que não se verificou nenhuma relação significativa entre as variáveis preditoras do nosso modelo previstas por Harwood e Soliz (2006) e as variáveis que mediam o idadismo face às pessoas idosas. Neste sentido, não foi possível replicar os resultados obtidos por estes autores no estudo norte-americano com estudantes universitários. No entanto, e de modo inovador e de acordo com a literatura, verificámos resultados significativos entre as variáveis que mediam o tipo de relacionamento com os avós e os estereótipos e emoções em relação às pessoas idosas. Neste sentido, é de destacar que aqueles jovens que disseram ser educados pelos avós perceberam as pessoas idosas como significativamente mais competentes e sentiam mais admiração por elas. Aqueles jovens que disseram ajudar os avó e discutir os seus problemas com eles, criaram mais emoções positivas em relação às pessoas idosas, não tendo tendência para os desprezar. Sendo assim, e apesar de não replicarmos de forma estrita os resultados originais conseguimos verificar um padrão consoante com o que é esperado na literatura sobre os efeitos das relações avós-netos e o efeito que daí advém para a perceção das pessoas idosas de um modo geral.

Os resultados indicam que o fato de os nossos avós destoarem da imagem de velhice convencional (Simas, 2014), e da relação avós-netos apresentar dimensões pessoais e intimistas (Brown & Hewstone, 2005), contribui para a mudança de atitude. Dado o fato da maioria dos jovens apresentar níveis baixo de contacto intergeracional, e o contexto avós-netos funcionar como uma rara fonte de contacto com idosos (Ng, Liu, Weatherall & Loong, 1997) tendo um grande contributo para a diminuição do idadismo.

A frequência de contato predominantemente positiva entre avós-netos facilita o tipo de relações próximas a longo prazo que por sua vez vão maximizar os efeitos positivos do contato com pessoas idosas (Banker & Gaertner, 1998), através da presença da auto-revelação

que funciona como medida da qualidade e quantidade de contato. É de salientar, que quando os jovens falam sobre os seus avós, a influência de proximidade na estereotipagem pode ser minimizada (Simas, 2014), o que leva à alteração da percepção dos jovens em relação ao envelhecimento.

5.1. Limitações do presente estudo

Ainda assim, e tendo em consideração a inovação do presente estudo e o facto de estarmos a trabalhar com uma população-alvo constituída por adolescentes, nunca antes trabalhada em outros estudos, é considerada como uma das limitações. O facto de não podermos fazer comparação de resultados com outros estudos, não nos permite verificar se as variáveis utilizadas foram as mais adequadas.

Para além disso, os participantes do estudo de Harwood e Soliz (2006), eram mais qualificados, adultos jovens a frequentar o ensino superior (61,2% do sexo feminino, 38,5% do sexo masculino; 18-26 anos), e de várias etnias: americanos europeus (84%), latinos (3,8%), americanos asiáticos (3,3%), americanos africanos (2,7%), nativo americano (0,5%), e outras/múltiplas etnias (5,4%). Neste sentido, há que ter em conta a especificidade da amostra escolhida para o presente estudo, o que dificultou o alcance de uma amostra próxima da real estrutura etária da população ativa. Para além disso algumas escalas utilizadas ainda não se encontram validadas para a população portuguesa, o que poderá indicar que as mesmas carecem de alguma validade e fiabilidade.

5.2. Sugestões para estudos futuros

É premente que se verifique se as variáveis utilizadas foram as mais adequadas ou se existem variáveis que contribuam para a redução dos preconceitos dos adolescentes acerca do envelhecimento que tenham mais impacto.

A investigação na área do idadismo contra as pessoas idosas é um tema de grande relevância, na medida em que as conclusões que se retiram podem auxiliar na mudança de atitude em relação à redução dos preconceitos dos adolescentes acerca do envelhecimento. Assim, sugerimos algumas ideias para estudos futuros no sentido de melhorar e complementar o presente estudo.

Seria interessante replicar esta investigação utilizando uma amostra portuguesa e outra estrangeira de modo a comparar o padrão de comportamentos dos adolescentes diante a percepção de discriminação contra as pessoas idosas e os comportamentos das pessoas idosas diante a percepção de discriminação em relação a si próprios. Ainda nesta mesma linha de

pensamento, seria útil elaborar um estudo, em que para além de se avaliar a perceção das pessoas idosas em adolescentes, também se iria avaliar a perceção dos adolescentes em relação ao seu próprio envelhecimento, tendo em conta a relação avós-netos, por forma, a avaliar se o facto de terem uma relação positiva com os seus avós, irá trazer atitudes mais positivas em relação ao seu próprio envelhecimento. Já foram elaborados estudos nesse sentido, como é o caso do estudo de Levy, Slade, Kunkel e Kasl (2002), mas numa amostra de idosos e adolescentes que não se conhecem. Neste estudo foi possível constatar que quando os jovens têm uma perceção positiva dos idosos, são mais propensos a serem positivos sobre o seu próprio envelhecimento e demonstram uma vontade mais forte de viver.

Seria ainda muito interessante replicar estes estudos e utilizá-los como base para a intervenção intergeracional onde fossem realizadas atividades entre avós e netos. Por exemplo, a adaptação do programa imAGES (Marques et al., 2015) neste sentido poderia constituir uma mais-valia neste domínio.

VI. BIBLIOGRAFIA

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, Massachusetts: Perseus Books.
- Anderson, K., Harwood, J., & Hummert. (2005). The Grandparent-Grandchild Relationship Implications of Models of Intergenerational Communication. *Human Communication Research, 2*, 268-294.
- Bales, S. S. (2002). *The Relation between Grandparent-Grandchild Bond and Children's View of Themselves and Grandparents*. Dissertação de Doutorado, Indiana University.
- Baranowski, M. D. (1982). *Relations with grandparents as a predictor of adolescents' attitudes toward the elderly*. Paper presented at the annual meeting of the National Council on Family Relations, Washington, DC.
- Becker, O. A., & Steinbach, A. (2012). *Relation between Grandparent-Grandchild in the Context of the Family System*. Federal Institute for Population Research, Comparative Population Studies, 37, 543-566.
- Bengtson, V. L., & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family, 53*, (4): 856-870.
- Christian, J., Turner, R., Holt, N., Larkin, M., & Howard, J. (2014). Does intergenerational contact reduce Ageism? When and How Contact Interventions Actually Work? *Journal of Arts and Humanities, 1*, 1-15.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P. S., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*, 878-902.
- Fiske, S. T. & Russel, A. M. (Eds) (2010). Cognitive Processes. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick & V. M. Esses, *Prejudice, Stereotyping and Discrimination* (pp. 115-130). London: SAGE publications Ltd.
- Fonseca, A.M. (2006). A noção da idade e do idadismo. In *O Envelhecimento: Abordagem Psicológica* (pp. 22-33; 2ª Ed.). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Glaser, K., Price, D., Montserrat, E. R., Gessa, G., & Tinker, A. (2013). *A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis*. Grandparent Plus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Harwood, J. (2000). Communicative predictors of solidarity in the grandparent-grandchild relationship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17, 743-766.
- Harwood, J., Hewstone, M., Paolini, S., & Voci, A. (2004). *Intergroup contact theory, the grandparent-grandchild relationship, and attitudes towards older adults*. Unpublished manuscript, University of Arizona.
- Harwood, J., Raman, P., & Hewstone, M. (2006). The Family and Communication Dynamics of Group Salience. *The Journal of Family Communication*, 6 (3), 181-200.
- INE (Instituto Nacional de Estatísticas) (2002). *O envelhecimento em Portugal: situação socio-demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*. Lisboa: INE/DECP/Serviço de Estudos sobre a População.
- INE (Instituto Nacional de Estatísticas) (2000). *As Gerações mais Idosas*. Lisboa: INE/DECP/Serviço de Estudos sobre a População.
- Kivnick, H.Q. (1981). Grandparenthood and the mental health of grandparents. *Aging and Society*, 1, 365-391.
- Knox, V. J., Gekoski, W. L., & Johnson, E. A. (1986). Contact with and perceptions of the elderly. *The Gerontologist*, 26, 309-313.
- Levy, B. R., Slade, M. D., Kunkel, S. R., & Kasl, S. V. (2002). Longevity increased by positive self-perceptions of aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 261-270.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Marques, S. (2011a). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Ministério da Saúde (2004). *Plano Nacional da Saúde 2004-2010*. Lisboa: Autor.
- Nelson, T. (2004) *Ageism: Stereotyping and Prejudice Against Older Persons*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Omarzo, J. (2000). A disclosure decision model: Determining how and when individuals will self-disclose. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 174-185.
- Paik, S. (2014). *Perceptions of Grandchild-Grandparent Communication in South Korea and Reduction of Prejudice Toward Aging*. Submitted to the graduate degree program in the Communication Studies and the Graduate Faculty of the University of Kansas.
- Paúl, C., & Fonseca, A.M. (coord.) (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2000). Does intergroup contact reduce prejudice? Recent meta-analytic findings. In S. Oskamp (Ed.), *Reducing prejudice and discrimination: The Claremont symposium* (pp. 93-114). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Queirós, I. M., & Barbosa, M. A. A. (2004). *Natureza e Qualidade das Relações Avós-Netos*. Porto: Universidade do Porto.
- Simas, R. M. (coord.) (2014). *A voz dos Avós Gerações e Migrações*. Lisboa: Edições Colibri.
- Soliz, J., & Harwood, J. (2006). Shared family identity, age salience, and intergroup contact: Investigation of the grandparent-grandchild relationship. *Communication Monographs*, 73, 87-107.
- Soliz, J. & Harwood, J. (2003). Perceptions of communication in a family relationship and the reduction of intergroup prejudice. *Journal of Applied Communication Research*, 31, 320-345.
- Sue, R. (2004). *Renovar a ligação social: Liberdade, igualdade, associação*. Porto: Campo de Letras.
- Tam, T., Hewstone, M., Harwood, J., Voci, A., & Kenworthy, J. (2006). Intergroup Contact and Grandparent-Grandchild Communication: The Effects of Self-Disclosure on Implicit and Explicit Biases Against Older People. *Group Processes & Intergroup Relations*, 9, 413-429.
- WHOQL, Group. (1994). Development of the WHOQL: rationale and current status. *Journal International of Mental Health*, 23, pp. 24-56.

VII. ANEXOS

Anexo A

Questionário aplicado aos Participantes

INQUÉRITO

Opinião sobre a geração das pessoas jovens

Estamos interessados em saber a tua opinião acerca da relação que tens com os teus avós.

Interessam-nos as tuas opiniões, espontâneas e sinceras, isto quer dizer que não existem respostas certas ou erradas.

As opiniões que expressares no questionário são confidenciais e anónimas e dessa forma nenhuma da informação recolhida poderá ser atribuída a ti.

Obrigada pela tua participação!



*Neste questionário queremos que penses
no(a) avô/avó com quem te dás mais.*

Está bem?

*Se não te dás muito com nenhum
avô/avó, pensa na pessoa com mais de 65
anos com quem te dás mais.*

1. Ainda tens algum avô/avó vivos?

Sim Não

(Se a resposta for não, pensa por favor na pessoa mais velha que conheces melhor e responde às seguintes perguntas, a partir da pergunta 3. Se não continua a responder normalmente).

2. Pensa no(a) avô/avó com quem te dás mais e diz-me a relação que este(a) tem contigo?

Mãe da mãe Mãe do Pai Pai da mãe Pai do pai Outra

(por favor especifique) _____

3. Se já não tens avô/avó quem é a pessoa com mais do que 65 anos, com quem te dás mais?

(por favor especifique) _____



PERGUNTA 4 – Diz-me como vês esse/a avô/avó?

(Por exemplo: simpático(a), amigo(a), disponível, bom, mau ...)

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

5. Pensa na relação e participação que tens com este avô/avó e responde às seguintes perguntas:

Sim / Não

a) Ajudas este(a) avô/avó nos seus recados e tarefas domésticas?

b) Quando eras mais novo(a), foste educado(a) por este(a) avô/avó?

c) Discutes os teus problemas com este(a) avô/avó?

d) Costumas receber conselhos deste(a) avô/avó?

Responde à seguinte questão numa escala de 1 a 6, em que 1 significa “Todos os dias” e 6 “Menos de uma vez por ano”.

e) Por ano, com que frequência é que vês este(a) avô/avó?

1	2	3	4	5	6
Todos os dias	Todas as semanas	Todos os meses	Algumas vezes por ano	Uma vez por ano	Menos de uma vez por ano

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 5, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 5 “Concordo totalmente”.

6. Pensa na tua família e neste(a) avô/avó e responde às seguintes perguntas:

a) Sinto-me orgulhoso(a) por pertencer à mesma família deste(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

b) Este(a) avô/avó é uma parte importante na minha família.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

c) Os meus pais e este(a) avô/avó dão-se bem.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

d) No geral, os meus pais incentivam-me a ter uma relação com este(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

e) Os meus pais lembram-me para telefonar, escrever e/ou enviar email para este(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

f) Os meus pais dizem-me para ir com eles, quando vão visitar este(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 5, em que 1 significa “De modo nenhum” e 5 “Muito”.

7. Responde às seguintes perguntas, tendo como base uma conversa específica com este(a) avô/avó:

a) Costumas ser carinhoso(a) para o teu/tua avô/avó?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

b) E o teu/tua avô/avó costuma ser carinhoso(a) para ti?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

8. Considerando o teu relacionamento com este(a) avô/avó, responde às seguintes perguntas:

a) Até que ponto notas na idade que o teu/a avô/avó tem quando falas com ele/ela?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

b) A idade deste(a) avô/avó importa quando falas com ele(a)?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

c) Até que ponto consideras este(a) avô/avó uma pessoa idosa típica?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

d) Até que ponto podes contar com este(a) avô/avó, para te ouvir quando estás zangado(a) com alguém?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

e) Até que ponto podes contar com este(a) avô/avó para te distrair das preocupações?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

f) Até que ponto podes contar com este(a) avô/avó para te ajudar quando tens um problema?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

g) Até que ponto podes contar com este(a) avô/avó para te dar uma opinião honesta, mesmo que não a queiras ouvir?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Muito

Responde à seguinte questão numa escala de 1 a 5, em que 1 significa “Muito má” e 5 “Muito boa”.

9. Como é que avalias a saúde deste(a) avô/avó?

1	2	3	4	5
Muito má				Muito boa

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 5, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 5 “Concordo totalmente”.

10. Pensa no relacionamento com este(a) avô/avó. Para cada item, faz um círculo à volta do número que melhor caracteriza esse relacionamento:

a) Gosto muito deste(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

b) Sou muito(a) amigo(a) deste(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

c) É sempre muito divertido estar com este(a) avô/avó.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

d) Estar com este(a) avô/avó pode ser um bocado aborrecido às vezes.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente				Concordo totalmente

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Não são nada assim” e 7 “São muito assim”.

11. Pensando nas pessoas idosas com 65 anos ou mais, em que medida achas que os idosos são:

a) CONFIANTES

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

b) CAPAZES

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

c) HABILIDOSOS

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

d) AMIGÁVEIS

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

e) DE CONFIANÇA

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

f) SINCEROS

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

12. Pensando nas pessoas idosas com 65 anos ou mais, diz o que sentes acerca delas?

a) INVEJA

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

b) ADMIRAÇÃO

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

c) PENA

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

d) DESPREZO

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

13. Lê as seguintes afirmações e diz em quem medida se aplicam a ti:

a) Gostaria de passar às pessoas mais velhas os meus conhecimentos.

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

b) Acho que sei coisas importantes e gostaria de ensiná-las às pessoas mais velhas.

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

c) Eu tento aprender com as pessoas mais velhas.

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

d) Eu acho que as pessoas mais velhas tem coisas importantes para me ensinar.

1	2	3	4	5	6	7
Não são nada assim						São muito assim

A MAGIA DOS AFETOS ENTRE AVÓS E NETOS

Responde, por último, às seguintes questões:

Sexo

Feminino

Masculino

Idade

Data de nascimento

Turma

Nacionalidade

Portuguesa

Outra

Qual o teu país de origem?

Portugal

Outro

**Se respondeste “outro” anteriormente,
há quanto tempo estás em Portugal?**

Menos de 6 meses

1 ano

Mais de 1 ano

Com quem vives?

Com pai e mãe

Um tempo com a mãe e um tempo com o pai

Só com a mãe ou só com o pai

Vives com os teus avós?

Sim

Não

Data de preenchimento do questionário: ____/____/____

Tempo que demorei a responder ao questionário: _____ minutos.

Obrigada pela tua participação!

Anexo B

Questionário aplicado no estudo de Harwood e Soliz (2006)

Grandparent Questionnaire

The following pages ask you questions about the grandparent(s) you listed on the “Grandparent Relationship Questionnaire” and your relationship with them. If the grandparent has passed away, please still include the grandparent and answer the questions about the relationship prior to their death. When answering these questions, please think about the relationship over your life-span. In other words, do not focus on a specific conversation, incident, or time period. Rather, think about the relationship, in general. Please pay particular attention to the directions and questions as you complete the questionnaire.

1. Which grandparent are you now answering questions about? [Please refer to the “Grandparent Relationship Questionnaire]

A B C D E F

2. What is the relationship of this grandparent to you?

Mom’s mom Mom’s dad Dad’s mom Dad’s dad Other (please specify _____)

3. Did this grandparent raise you? Yes No

4. Think about your relationship and participation with this grandparent and answer the following questions. Used to assess grandparent types—not included in the analysis

a. Does this grandparent ask you for help with things he/she is doing or making? *Yes No*

b. Does this grandparent run errands or complete household tasks for you? *Yes No*

c. Do you ask this grandparent for help with things you are doing or making? *Yes No*

d. Do you help this grandparent with their errands or household tasks? *Yes No*

e. When you were younger, were you disciplined by this grandparent? *Yes No*

f. Do you discuss your problems with this grandparent? *Yes No*

g. Does this grandparent give you advice? *Yes No*

h. How often do you think your *parents* consult with this grandparent when making a decision concerning you? *Often Sometimes Hardly Ever Never*

i. How often does this grandparent “correct” you when you do something they disapprove of? *Often Sometimes Hardly Ever Never*

j. Per year, how often do you/did you see this grandparent?

Almost daily Weekly Monthly Every

six months Yearly Less than yearly

5. Think about your family and this grandparent and answer the following questions:

a-d assesses Family Identification, e-

j assesses Shared Family Identity

Strongly Disagree

Strongly Agree

a. I am proud to be in the same family as this grandparent.

1 2 3 4 5

b. My shared family membership with this grandparent is not that important to me.

1 2 3 4 5

c. Above all else, I think of this grandparent as a member of my family.

1 2 3 4 5

d. This grandparent is an important part of my family.

1 2 3 4 5

e. I feel as if we are members of one family.

1 2 3 4 5

f. I feel as if we are members of separate groups.

1 2 3 4 5

g. My parent(s) and this grandparent get along.

1 2 3 4 5

h. In general, my parent(s) encourage me to have a relationship with this grandparent.

1 2 3 4 5

i. My parent(s) remind me to telephone, write, and/or email this grandparent.

1 2 3 4 5

j. My parent(s) ask me to come along when they visit this grandparent.

1 2 3 4 5

6. Now, think about a typical conversation with this grandparent and answer the following questions:

Strongly Disagree

Strongly Agree

Assesses nonaccommodation

a. This grandparent talks down to me.

1 2 3 4 5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| b. This grandparent expresses racist/prejudiced opinions. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c. This grandparent complains about his/her life circumstances. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d. This grandparent treats my like an adult. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e. This grandparent gives unwanted advice. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| f. This grandparent complains about his/her health. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g. This grandparent negatively stereotypes me as a young person. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| h. This grandparent makes angry complaints. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| i. This grandparent patronizes me. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| j. This grandparent is closed minded. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

7. Answer the following based on a typical conversation with this grandparent:

- | | | | | | |
|---|-------------------|---|---|---------------------|---|
| | <i>Not at all</i> | | | <i>A great deal</i> | |
| Measures Self-Disclosure | | | | | |
| a. How much do you express your feelings? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b. How much personal information do you disclose? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c. How personal is the information you disclose? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d. How much of his/her feelings does this grandparent express to you? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e. How much personal information does this grandparent disclose to you? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| f. How personal is the information he/she discloses? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

8. Considering your relationship with this grandparent, please answer the following questions:

a-d is Age Salience and e-j is

Supportive Communication

	<i>Not at all</i>			<i>A great deal</i>	
	1	2	3	4	5
a. How aware are you of the age difference between yourself and this grandparent?	1	2	3	4	5
b. How much do you think about this grandparent's age when communicating with him/her?	1	2	3	4	5
c. How much does age matter when communicating with this grandparent?	1	2	3	4	5
d. To what extent is this grandparent typical of older adults?	1	2	3	4	5
e. To what extent can you count on this grandparent to listen to you when you are very angry at someone else?	1	2	3	4	5
f. To what extent can you turn to this grandparent for advice about problems?	1	2	3	4	5
g. To what extent can you count on this grandparent to distract you from your worries when you feel under stress?	1	2	3	4	5
h. To what extent could you count on this grandparent for help with a problem?	1	2	3	4	5
i. To what extent could you count on this grandparent to help you if a family member very close to you died?	1	2	3	4	5

j. To what extent can you count on this grandparent to give you honest feedback, even if you might not want to hear it?

1 2 3 4 5

9. Think about the health of this grandparent and answer the following questions:

	<i>Strongly Disagree</i>		<i>Strongly Agree</i>		
Measures Health of Grandparent					
a. My grandparent needs help grocery shopping.	1	2	3	4	5
b. My grandparent needs help getting to places beyond walking distance.	1	2	3	4	5
c. My grandparent needs help preparing meals.	1	2	3	4	5
d. My grandparent needs help doing housework.	1	2	3	4	5
e. My grandparent needs help doing laundry.	1	2	3	4	5
f. My grandparent needs help taking medication.	1	2	3	4	5

10. Think about your relationship with this grandparent. For each item, circle the number which best characterizes the relationship. Measures Relational Satisfaction

a. miserable	1	2	3	4	5	6	7	enjoyable
b. hopeful	1	2	3	4	5	6	7	discouraging
c. empty	1	2	3	4	5	6	7	full
d. interesting	1	2	3	4	5	6	7	boring
e. rewarding	1	2	3	4	5	6	7	disappointing
f. lonely	1	2	3	4	5	6	7	friendly
g. worthwhile	1	2	3	4	5	6	7	useless
h. completely satisfying	1	2	3	4	5	6	7	completely dissatisfying

Anexo C

Consentimento Informado dirigido à Direção da Escola

Consentimento Informado



Investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Autora: Teresa Joana Coelho dos Reis
(Técnica Superior de Serviço Social)

Esta investigação insere-se na adaptação de um estudo para a versão portuguesa, acerca das relações entre avós-netos e a sua influência na perceção das pessoas idosas em adolescentes, no âmbito do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores, a decorrer no ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, sob a orientação da Prof^a. Dr.^a. Sibila Marques. O objetivo do presente estudo é conhecer de que forma a relação entre avós e netos, contribui para o conceito positivo de velhice.

Neste sentido, gostaríamos de solicitar a participação dos alunos da Escola Básica, situada no Algarve. O questionário aos alunos seria respondido em contexto de sala de aula. E o tempo de participação é de cerca de 30 minutos.

O anonimato será mantido, não sendo pedido nenhum elemento identificativo dos alunos. Não se antecipam riscos relacionados com a participação no presente estudo.

Para qualquer questão relacionada com este estudo ou caso pretenda receber um sumário dos resultados desta investigação, poderá contactar-me através do email: ticrs@iscte-iul.pt.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Teresa Reis

Anexo D

Consentimento Informado dirigido aos Encarregados de Educação

CONSENTIMENTO INFORMADO

Estudo da relação entre avós e netos

Teresa Reis, Licenciada em Serviço Social

E-mail: tjcrs@iscte-iul.pt

Sibila Marques, Professora Doutora (Orientação)

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Avenida das Forças Armadas

1640-026 Lisboa, Portugal

E-mail: sibila.marques@iscte.pt

Exmos. Senhores,

O projeto de investigação “*relação entre avós e netos*” insere-se no âmbito do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores, a decorrer no ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sibila Marques.

Vimos por este meio solicitar a sua autorização para integrar o educando no estudo em questão. O estudo envolve o preenchimento de um questionário pelos jovens, em contexto de sala de aula. Com o objetivo de conhecer a relação que os jovens estabelecem com os seus avós e a sua influência na visão do envelhecimento.

A participação no estudo é voluntária.

É importante referir que a confidencialidade dos dados individuais será garantida, o anonimato será mantido, não sendo pedido nenhum elemento identificativo do educando.

A informação recolhida será apenas e exclusivamente utilizada para fins científicos e educativos pela equipa de investigação supracitada.

Não se antecipam riscos ou custos, relacionados com a participação no presente estudo.

Para qualquer questão relacionada com este estudo, poderá contactar-me através do email: tjcrs@iscte-iul.pt.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Teresa Reis

Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação de

_____ ,

_____ autorizo

_____ não autorizo

a participação do meu/minha filho/a/ educando/a no âmbito do Projeto de Investigação “Relação entre avós e netos ” tendo sido informado(a) dos objetivos e características do mesmo.

_____ , _____ de _____ de 201_

Assinatura: _____